

## Paraibanos relatam a vida em quarentena no exterior

Do Reino Unido, Austrália, França e do Caribe, eles detalham o impacto da pandemia de coronavírus pelo mundo. **Página 5**

Fotos: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal

### Paraíba



#### Na Itália, professor viu a escalada do coronavírus

Um verdadeiro cenário de guerra. Foi o que presenciou o paraibano Marcílio Franca nas três semanas que passou no país. **Página 6**

### Almanaque

#### Estudos divergem sobre a origem da Pedra de Retumba

Descoberto recentemente no município de Pedra Lavrada, sítio arqueológico vem sendo estudado desde o início do século passado. **Página 17**

### Diversidade



Foto: Marcos Russo



**Cariri na passarela** Terra da renda renasce, a cidade de Monteiro terá Centro de Referência do Artesanato. **Página 16**

Angélica Lúcio

#### O papel social da imprensa e a liberação do paywall

"Nas últimas semanas, importantes veículos de comunicação do Brasil adotaram a estratégia de liberar para não assinantes o conteúdo produzido sobre a pandemia de coronavírus. Folha de São Paulo, Estadão e O Globo, por exemplo, seguiram tendência já adotada pelo norte-americano The New York Times (...) Tal medida coloca em foco a relação entre o papel social da imprensa e a mercantilização da notícia". **Página 18**

**Fique em casa.**

É hora de cada um pensar em toda a vida.





**Editorial**

# O poder do diálogo

É tempo de diálogo. De superação de barreiras, de quaisquer naturezas, que afastem as pessoas e se interponham entre os grupos sociais. As cidades devem constituir um elo de solidariedade, assim como os estados, regiões, países e continentes. As segregações, sem justificativas sanitárias, colocam em risco a saúde da humanidade, neste momento em que o mundo tenta construir uma atitude de defesa capaz de fazer frente à pandemia do novo coronavírus.

A consciência individual e coletiva deve estar concentrada no bem comum. Todos e todas são responsáveis por todas e todos, sem esquecer, obviamente, de si mesmos. Essa atitude solidária é fundamental, e isso implica em seguir à risca as recomendações profiláticas, e o mais importante: buscar informações em fontes confiáveis, tendo em vista a disseminação, por exemplo, de notícias sem lastro científico, como acontece principalmente nas redes sociais.

Vale a pena prestar muita atenção neste depoimento do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres: "Estamos em uma situação sem precedentes e as regras normais não se aplicam mais". Guterres está certíssimo. A crise, instalada pela eclosão do novo coronavírus (Covid-19), lançou enormes e inéditos desafios para a sociedade global, afetando cada país de uma forma diferente, devido às diferenças econômicas, culturais etc.

Preocupado com as consequências econômicas da pandemia de coronavírus, o diretor-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Guy Ryder, lançando mão de bom senso, afirmou que, em tempos de crise como esta, existem duas ferramentas importantes que podem ajudar a diminuir os danos e restaurar a confiança pública. Tais instrumentos seriam o diálogo social entre trabalhadores e empregadores e as normas internacionais de trabalho.

As respostas políticas a esta crise - sem precedentes na história recente - devem ter pelo menos esses dois fundamentos: o acervo de conhecimentos técnicos que a humanidade dispõe e o discernimento; a capacidade, no segundo caso, de refletir e encontrar respostas adequadas, portanto sensatas, para determinados problemas. O açodamento, a estultícia, o rancor, enfim, quaisquer condutas que gerem conflitos e não soluções devem ser radicalmente descartadas.

Tem-se exemplos de comportamentos ajuizados, em conformidade com a gravidade do momento, aqui mesmo, na Paraíba. Os encontros realizados, essa semana, entre o governador João Azevêdo e os prefeitos de João Pessoa, Luciano Cartaxo, e de Campina Grande, Romero Rodrigues, com vistas à tomada conjunta de posições contra a pandemia, instituem o diálogo como um laboratório indispensável para a criação de soluções emergenciais eficazes.

**Artigo** **Martinho Moreira Franco**  
martinhomoreira.franco@bol.com.br

# Negócios da China

Não são apenas os fabricantes (e revendedores) do álcool em gel que estão lucrando com o novo coronavírus. Eu também saí no lucro (calma, gente, estou em abstinência alcoólica sob recomendação médica), por mais estranho que tal operação possa parecer. É que as restrições impostas pela pandemia do Covid-19 obrigaram a Empresa Paraibana de Comunicação-EPC a cancelar a I Primeira Feira Literária das Imprensa Oficiais- I FILO cuja programação deveria ter sido cumprida quinta e sexta feiras passada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo. Com isso, fiz um negócio da China. Querem que esclareça? Esclarecerei:

Tudo começou na Fundação Casa de José Américo, terça-feira, 7 de janeiro, quando foi lançado o livro "Paraíba na Literatura" e a "Agenda 2020 - Um Estado de Arte", editados pela União. Por obra e graça da EPC, responsável pelas publicações, meu nome constou entre os profissionais que escreveram sobre 20 autores selecionados entre romancistas, cronistas, contistas e cultores de outros gêneros literários no Estado. Coube-me traçar um perfil do teatrólogo Paulo Pontes. Não saíu lá grande coisa, mas parece ter agradado a alguns incautos e até a gente do gabarito de Ipojuca Pontes, irmão do perfilado.

Deus sabe o quanto relutei ir naquela noite ao casarão da Avenida Cabo Branco, 3336! Primeiro, porque não sou afeito a eventos do gênero. Segundo, porque temia ser chamado para participar de uma mesa coletiva de autógrafos. O pavor a esse tipo de

/// Sempre mantive distância da proposta, associando-me aos dizeres de para-choques traseiros de ônibus ///

preenchimento, especialmente o individual, é um dos motivos pelos quais nunca aderi à ideia que alguns amigos tentam me incutir de assinar e lançar um livro de amenidades que consideram crônicas. Sempre mantive distância da proposta, associando-me aos dizeres de para-choques traseiros de ônibus. E senti um alívio de brisa do mar quando ninguém se manifestou sobre aposição de assinaturas na página de rosto da obra. Pensei haver me livrado para sempre do pavoroso exercício.

Qual o quê! Poucas semanas depois, eis que a EPC não apenas me inclui entre os cronistas deste jornal selecionados para uma nova coletânea da Editora A União como vai mais além. Pois não é que a própria diretora-presidente da empresa diz pelo telefone que, desta vez, eu deveria participar da mesa de autógrafos coletivos do livro "Espelhos de Papel"? Nem preciso dizer que gelei. Não apenas pelo ato em si, mas também porque não poderia faltar com a minha amiga Naná Garcez, logo ela, ex-colega de redação neste jornal e pessoa da minha melhor estima. Só que o inesperado (nem tão inesperado assim, é verdade) me trouxe uma surpresa (igualmente nem tanto assim): a I FILO foi cancelada em virtude da pandemia do novo coronavírus. Reconheço a inadequação da ironia - e que não se deve brincar diante da tragédia mundial causada pelo Covi-19 -, mas como negar a vontade de voltar à infância e comer um "cavaco chinês"? Afinal, foi o segundo bom negócio que fiz em pouco mais de dois meses.

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509



**Domingos Sávio**  
savio\_fel@hotmail.com **Humor**

# UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

## GOVERNADORES PEDEM SUSPENSÃO DE CORTES DO BOLSA FAMÍLIA

Há exatos oito dias, a coluna registrou que "Procuradorias-Gerais de sete estados do Nordeste, entre os quais o da Paraíba, ingressaram com ação no STF em que solicitam medidas urgentes do Governo Federal para corrigir distorções na concessão de novos benefícios do Bolsa Família. A ação foi assinada também pelas Procuradorias do Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão. A decisão de protocolar a ação no STF se deu com base em levantamento divulgado pelo Ministério da Cidadania. De acordo com os dados, o Nordeste recebeu apenas 3% dos novos benefícios, enquanto regiões mais abastadas - como Sul e Sudeste - responderam por quase 75% das concessões em 2020". Pois bem, na sexta-feira passada, o Governo Federal fez ouvidos de mercador e cortou quase 159 mil novas bolsas do programa social, sendo que 61,1% são da região Nordeste - o que corresponde a mais de 96 mil benefícios. Ou seja, em meio à crise do coronavírus, o governo Bolsonaro fragiliza o enfrentamento à pobreza, deixando os estados sobrecarregados com as demandas sociais. A propósito desse tema, governadores nordestinos, entre os quais o da Paraíba, João Azevêdo (foto), participaram de videoconferência e aprovaram documento em que solicitam ao Governo Federal a suspensão imediata dos cortes no programa Bolsa Família.

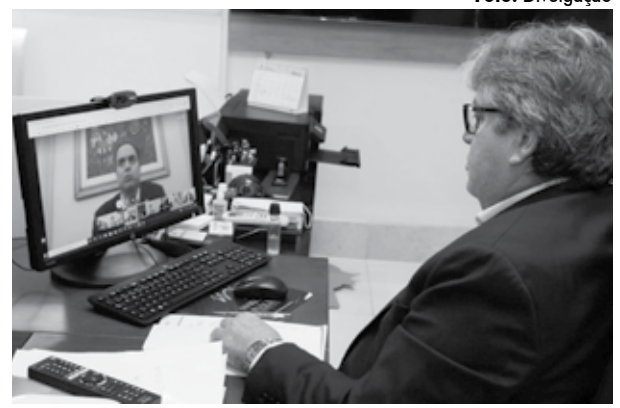


Foto: Divulgação

A decisão de protocolar a ação no STF se deu com base em levantamento divulgado pelo Ministério da Cidadania. De acordo com os dados, o Nordeste recebeu apenas 3% dos novos benefícios, enquanto regiões mais abastadas - como Sul e Sudeste - responderam por quase 75% das concessões em 2020". Pois bem, na sexta-feira passada, o Governo Federal fez ouvidos de mercador e cortou quase 159 mil novas bolsas do programa social, sendo que 61,1% são da região Nordeste - o que corresponde a mais de 96 mil benefícios. Ou seja, em meio à crise do coronavírus, o governo Bolsonaro fragiliza o enfrentamento à pobreza, deixando os estados sobrecarregados com as demandas sociais. A propósito desse tema, governadores nordestinos, entre os quais o da Paraíba, João Azevêdo (foto), participaram de videoconferência e aprovaram documento em que solicitam ao Governo Federal a suspensão imediata dos cortes no programa Bolsa Família.

### CONSÓRCIO NORDESTE

E o consórcio Nordeste, criado pelos governadores para a aquisição conjunta de materiais e insumos - ainda em 2020, bem antes do aparecimento do coronavírus - será vital para as medidas de enfrentamento à pandemia, neste momento. É que os gestores estaduais acordaram a compra coletiva de equipamentos e insumos com esta finalidade.

### "INIMIGO DA HUMANIDADE"

Do prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo (PV), justificando o decreto que estabeleceu medidas contra o avanço do coronavírus: "A Organização Mundial de Saúde tem tratado o coronavírus como inimigo da humanidade. A luta deve ser permanente e o esforço coletivo. Ninguém gostaria de tomar medidas tão duras, mas é necessário que sejam tomadas, não só no Brasil, mas no mundo".

### EVENTOS POLÍTICOS

E as medidas adotadas contra o coronavírus na Paraíba deverão afetar eventos políticos marcados para esta segunda quinzena do mês de março. Entre estes, o que celebraria o ato de filiação do governador João Azevêdo e de dezenas de prefeitos ao Cidadania. Outras legendas que projetavam realizar eventos de filiação também deverão seguir o mesmo exemplo.

### OUTRAS MEDIDAS

A assessoria do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, no qual está inserida a Paraíba, envia comunicado à coluna com outras medidas adotadas por conta do coronavírus. Estabelece que "o Plantão Extraordinário do TRF5 e das Seções Judiciárias vinculadas, com funcionamento de 9h às 18h, de forma prioritariamente remota, e determina a suspensão dos prazos dos processos judiciais e administrativos em tramitação até 30 de abril de 2020".

### REMOTAMENTE

Ainda de acordo com o Ato nº 112/2020 do TRF5, "Nesse período, fica garantida a apreciação de matérias como habeas corpus e mandado de segurança; medidas liminares e de antecipação de tutela". Notifica também que "O atendimento presencial de partes, advogados, procuradores, membros do Ministério Público e demais interessados permanece suspenso, devendo ser realizado remotamente".

### "É ESSA ZORRA", DIZ LÍDER DO PSL SOBRE DIPLOMACIA BRASILEIRA

Do líder do PSL no Senado, Major Olímpio, ao declarar, ao Congresso em Foco, que a fala do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL) contra a China - ele acusou o governo chinês de tirar proveito econômico da pandemia do coronavírus - é nociva ao Brasil: "Ficamos sujeitos a sanções econômicas da China em função disso. Nossa diplomacia é essa zorra que é, com vários preconceitos ideológicos e sem conteúdo técnico e diplomático".

## SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Albige Léa Fernandes**  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC  
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**André Cananéia**  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509  
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

OUVIDORIA: 99143-6762  
ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATOS: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceção para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



# Como se proteger da doença que está parando o mundo

Veja as principais orientações dos médicos e do Ministério da Saúde para se prevenir do novo coronavírus

**Iluska Cavalcante**  
cavalcanteiluska@gmail.com

A pandemia do novo coronavírus (Covid-19) - que, até sexta-feira passada, tinha contaminado mais de 275 mil pessoas no mundo, com 11,3 mil mortes - tem causado medo e pânico nas pessoas, muitas vezes por falta de informação. Há uma grande disseminação de fakes news e nem sempre a população tem o esclarecimento do que é real ou não. O isolamento social, a higienização correta de objetos e das mãos e a atenção para sintomas específicos são algumas das medidas de segurança. Mas por que elas devem ser tomadas? Através de uma entrevista com o médico pneumologista Sebastião Costa e com informações do Ministério da Saúde, a reportagem de A União responde algumas das principais perguntas sobre o assunto. Confira:



Foto/Ilustrações: Freepik

## Como ocorre a transmissão do coronavírus?

O médico pneumologista, Sebastião Costa, explicou que a transmissão do coronavírus é similar a da maioria das viroses, como através da tosse e espirro. Os principais responsáveis pela proliferação são as gotículas de saliva. Ele ressaltou que o mais grave na transmissão são as pessoas que não apresentam sintomas. O especialista explica que uma pessoa infectada pode demorar três dias até apresentar sintomas e, nesse período, transmitir a doença sem saber que está com ela. Cerca de 79% da transmissibilidade ocorre por infectados sem sintomas.

De acordo com o Ministério da Saúde, as investigações sobre as formas de transmissão do coronavírus ainda estão em andamento, mas qualquer pessoa que tenha contato próximo (cerca de 1m) com alguém com sintomas respiratórios está em risco de ser exposta à infecção.



## Quais são os sintomas do coronavírus?

Os principais sintomas da Covid-19 são: febre, tosse, dor de garganta e dificuldade para respirar. O período médio de incubação por coronavírus é de 5 dias, com intervalos que chegam a 12 dias, período em que os primeiros sintomas levam para aparecer desde a infecção.

## O que devo fazer em caso de sintomas?

O médico Sebastião Costa alertou para que as pessoas permaneçam em suas casas em casos de sintomas leves. Ele explicou que só deve-se procurar um posto médico em caso de desconforto respiratório.

O Governo do Estado lançou um plantão de dúvidas para as pessoas ligarem antes de ir até uma unidade de saúde: (83) 991469790.

O Ministério da Saúde informou que as unidades de saúde, públicas e privadas, iniciaram, nesta semana, a triagem rápida para reduzir o tempo de espera no atendimento e consequentemente a possibilidade de transmissão dentro das unidades de saúde.

## Por que é importante o isolamento social?

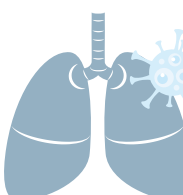
O médico alertou que quanto mais contato, mais perigo. Em casa há menos contato com o vírus e com pessoas em lugares como shoppings, ônibus e restaurantes.



O Ministério da Saúde também recomenda o isolamento social. Os vírus respiratórios se espalham pelo contato, por isso a importância do isolamento e até mesmo de mudar a prática de cumprimentar o outro. Evitando abraços, apertos de mãos e beijos no rosto.

## De que forma o coronavírus leva uma pessoa a óbito?

O pneumologista explicou que o vírus invade o pulmão com muita força e de forma agressiva. As pessoas que morrem por coronavírus, chegam ao óbito por insuficiência respiratória.



## Como não confundir o coronavírus com outras viroses?

Sebastião Costa ressaltou que é muito difícil discernir e que, no período de abril a junho, as viroses estão mais propensas a aparecer devido a mudança de clima. Ele enfatizou está preocupado com a população. "Vamos ter três viroses diferentes que vai fazer muita confusão. A nossa preocupação enquanto médico é que as pessoas vão ficar muito confusas", comentou. Ele alertou as pessoas para ficarem esclarecidas em relação a sintomas e comorbidades que podem agravar as viroses.

## É possível que a situação do Brasil se assemelhe a da Itália?

Na opinião do médico, o Brasil começou a se preparar muito antes da Itália e dá a devida importância ao vírus. Ele elogiou as medidas de segurança tomadas pelos governos municipais e estadual da Paraíba e ressaltou que elas irão ajudar a diminuir os casos e evitar a transmissibilidade. "Esse decreto veio ontem e só tinha um caso. A Itália veio tomar uma atitude agora", disse.

## Máscaras diminuem o risco de contaminação?

O Ministério da Saúde recomenda que as máscaras faciais descartáveis devem ser utilizadas por profissionais da saúde, cuidadores de idosos, mães que estão amamentando e pessoas diagnosticadas com o coronavírus. Pessoas com sintomas devem usar a máscara para evitar transmissão.

## Por que lavar as mãos é importante?

Para evitar a proliferação do vírus, o Ministério da Saúde recomenda medidas básicas de higiene, como lavar bem as mãos (dedos, unhas, punho, palma e dorso) com água e sabão, e, de preferência, utilizar toalhas de papel para secá-las. Além do sabão, outro produto indicado para higienizar as mãos é o álcool gel;

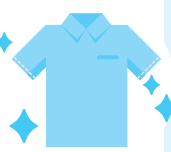


## Que outras medidas de higiene são importantes?

■ É importante intensificar a limpeza doméstica. A recomendação é que utilize-se produtos usuais, dando preferência para o uso da água sanitária (em uma solução de uma parte de água sanitária para 9 partes de água) para desinfetar superfícies.



■ É importante separar roupas e roupas de cama de pessoas infectadas para que seja feita a higienização à parte. Caso não haja a possibilidade de fazer a lavagem destas roupas imediatamente, a recomendação é que elas sejam armazenadas em sacos de lixo plástico até que seja possível lavar.



■ Utilizar lenço descartável para higiene nasal é outra medida de prevenção importante. Deve-se cobrir o nariz e a boca com um lenço de papel quando espirrar ou tossir e jogá-lo no lixo. Também é necessário evitar tocar olhos, nariz e boca sem que as mãos estejam limpas.



## Como é feito o tratamento?

Não existe tratamento específico para infecções causadas por coronavírus humano. No caso do coronavírus é indicado repouso e consumo de bastante água, além de algumas medidas adotadas para aliviar os sintomas, conforme cada caso, como, por exemplo, o uso de medicamento para dor e febre (anti-térmicos e analgésicos); uso de umidificador do quarto ou tomar banho quente para auxiliar no alívio da dor de garganta e tosse.



# Projetos de iniciativa popular mobilizam, mas não viram lei

Constituição Federal assegura que qualquer cidadão apresente PL ao Congresso, mas na prática propostas ficam no papel

**Thais Cirino**  
thaiscirino@hotmail.com

A Constituição Brasileira de 1988 assegura que qualquer cidadão pode apresentar um projeto de lei ao Congresso Nacional, desde que obedecidas algumas exigências. Por exemplo, é preciso que o texto receba apoio de pelo menos 1% dos eleitores do país, o que corresponde a mais de um milhão de assinaturas em números atuais. Também é necessário que esses eleitores estejam distribuídos em, ao menos, cinco estados, sendo que cada um deles deve ser responsável por, no mínimo, 0,3% das assinaturas totais. Contudo, a dificuldade em verificar a autenticidade dos apoios faz com que as chamadas 'iniciativas populares' quase não saiam do papel.

Desde que a democracia foi restabelecida - mais de 30 anos atrás - nenhum projeto foi de fato aprovado constando sua origem popular. "No Brasil, oficialmente, não tem. O que existe é a mobilização, mas um parlamentar acaba abraçando a causa. Mesmo o 'ficha limpa' precisou do apoio dos deputados federais. Porque a demora para conseguir as assinaturas e para checá-las atrapalha o processo", explica o presidente da Escola do Legislativo da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), Paulo Barreto.

A Lei da Ficha Limpa (Lei Complementar nº 135/2010) é o resultado de uma das ações populares mais conhecidas para mudar a legislação do país. A norma torna inelegível por oito anos um candidato que tiver o mandato cassado, renunciar para evitar a cassação ou for condenado por decisão de órgão colegiado, mesmo que ainda exista a possibilidade de recursos. Ela foi idealizada pelo ex-juiz Márlon Reis, que, anos mais tarde, daria uma nova contribuição aos

projetos de origem popular.

Além da Ficha Limpa, outras três matérias se tornaram leis a partir da mobilização cidadã: Lei nº 8.930/1994 (crimes hediondos); Lei nº 9.840/1999 (combate à compra de votos); e Lei nº 11.124/2005 (fundo de habitação social). Esses projetos precisaram ser protocolados de modo físico, mas, desde 2012, a criação do Portal e-Cidadania, pelo Senado Federal, passou a facilitar a vida de quem tem uma indicação legislativa. Ao todo, já foram mais de 71 mil sugestões, sendo que 23 foram convertidas em propostas, segundo o órgão.

Essa maior participação popular tem relação com a disposição das próprias Casas Legislativas em facilitar a vida do cidadão, na avaliação de Paulo Barreto. No caso do Portal e-Cidadania, as sugestões cadastradas ficam disponíveis durante quatro meses aguardando apoio de outros usuários até conseguirem as assinaturas necessárias para apreciação. No mês de fevereiro, o primeiro texto encaminhado via portal foi aprovado. O PL 4.399/2019 inclui a fibromialgia no rol das doenças dispensadas de carência para o recebimento de benefícios do auxílio-doença e aposentadoria por invalidez.

Já na Câmara Federal, a coleta de assinaturas para apoio a projetos de lei de iniciativa popular pela internet começou a ser discutida em 2018 pela comissão da reforma política, quando houve o debate em torno do aplicativo 'Mudamos'. A ferramenta, idealizada por Márlon Reis (o mesmo da Lei da Ficha Limpa) e desenvolvida pela empresa ITS Rio, permite tanto a apresentação, quanto a coleta de assinaturas de modo digital e surgiu com a proposta de revolucionar a democracia participativa.



O presidente da Escola do Legislativo da CMJP, Paulo Barreto, disse que o 'Ficha Limpa' teve mobilização da população, mas precisou de apoio parlamentar devido à morosidade

## Aplicativos auxiliam na coleta de assinaturas

Segundo a coordenadora de projetos do ITS Rio, Debora Albu, o projeto em torno do aplicativo surgiu em 2016, quando a iniciativa conseguiu financiamento. "Em 2017 ele foi efetivamente lançado e, logo no primeiro final de semana, tivemos mais de 100 mil downloads", lembra. Atualmente são mais de 800 mil downloads. Sobre a política da empresa, Albu reforça: "Olhamos como a tecnologia nos afeta no dia a dia e como nós - enquanto sociedade - podemos criar tecnologia mais acessíveis".

Em João Pessoa, a temática ganhou força a partir de 2015, quando a Lei nº 13.041 (de iniciativa do vereador

Lucas de Brito/PV) passou a regulamentar a apresentação de projetos de iniciativa popular pela internet. A norma, contudo, passou dois anos à espera da parceria que a concretizou. "A lei diz que o legislativo pode receber projetos via plataformas eletrônicas que sejam organizadas pela Câmara, o que hoje é feito pelo ITS Rio", salienta Paulo Barreto.

A parceria ainda resultou na realização de duas viradas legislativas, eventos nos quais setores da sociedade civil puderam debater temas da atualidade e propor soluções. Foram oito projetos apresentados entre 2017 e 2018, todos cadastrados no 'Mudamos', mas

nenhum ainda conseguiu as mais de duas mil assinaturas necessárias (0,5% do eleitorado) para iniciar uma tramitação na Câmara Municipal de João Pessoa.

A capital paraibana, aliás, é uma das três cidades do Brasil em que o percentual de apoiadores é reduzido em relação ao indicado pela Constituição (5%). Natal (RN) e Maceió (AL) são as outras duas. "Isso mostra que esses municípios quiseram facilitar a participação popular, mas na Casa nunca chegou um projeto dessa iniciativa, seja com coletas online, seja de modo físico", observa o presidente da Escola do Legislativo.

Em todo o Estado, são nove propostas, incluindo a que pede ficha limpa para ocupação de cargos comissionados ou funções de confiança na administração pública do município de Alhandra (Região da Mata paraibana). Ações como estas acabam com maior engajamento popular, mas Paulo Barreto lembra que muitas sugestões interessantes não são de competência dos municípios. "As pautas federais acabam gerando mais mobilização (legislação trabalhista, código tributário, etc), outras são prerrogativa exclusiva dos prefeitos, mas nada impede a apresentação de um projeto na Casa", reforça.

## + Defender ideias exige dedicação para concretizar bandeiras de luta

Para os que gostariam de ver suas bandeiras transformadas em projetos de lei, a tarefa exige dedicação. Se na coleta física, o convencimento é feito cara a cara com o eleitor, no modo eletrônico é necessário, primeiro, persuadir o usuário a

baixar o aplicativo. Além disso, a legislação exige alguns dados para que seja comprovada a veracidade da assinatura em um projeto.

Não é possível, por exemplo, assinar um PL de fora do município ou do Estado em que

se vive. "Não é um processo super prático, mas se fosse via papel, também seriam necessárias todas essas informações", salienta a coordenadora de projetos do ITS Rio. Em quase quatro anos de 'Mudamos', Debora Albu, informou que pelo menos duas sugestões cadastradas na ferramenta conseguiram o mínimo necessário para tramitar, sendo uma no Rio de Janeiro e outra em Brasília.

Na Paraíba, a realidade é outra. "Nosso texto já está há dois anos e três meses na plataforma", lamenta o gestor público, Pedro Chaves. Ele é um dos autores do projeto de que pede mais transparência nos dados sobre o transporte público em João Pessoa. O ativista alega não ter abandonado o texto, mas disse não fazer mais a divulgação via aplicativo. "A ideia de ter a opção online é muito boa. Mas o 'Mudamos'

não é tão prático", reclama.

Para a coordenadora do ITS Rio, a mobilização depende muito mais de quem sugere a norma do que de quem oferece o aplicativo. "A gente não tem como atuar nisso. Imagina se tivéssemos que fazer todas as campanhas de mobilização? Só no 'Mudamos' são 45 projetos cadastrados atualmente", justifica.

Na avaliação do professor universitário Henrique França, que integrou o movimento 'João Pessoa que Queremos', o problema é outro. Para ele, o aplicativo surgiu no tempo certo em relação à tecnologia, mas à frente do entendimento político das pessoas. Henrique também participou das viradas culturais e esteve presente na elaboração de um projeto que pedia a construção de um hospital veterinário em João Pessoa.

O texto é o que tem melhor desempenho no aplicativo (mais

de mil assinaturas), mesmo assim, acabou sendo apresentado no Legislativo pessoense a partir da iniciativa do vereador Bispo Luiz (PRB). Mesmo aprovado pelo plenário da CMJP, em 2018, foi vetado pelo Executivo. O tema tem muitos seguidores e teve uma grande mobilização, mas não gerou a pressão necessária para conseguir convencer o poder público.

Reunir um grande número de pessoas em torno de uma pauta é o mais difícil, para o professor Henrique França, porque é convencional o pensamento de que modificar a cidade é papel da administração pública e não dos moradores. "É necessário atuar na formação dos cidadãos para que percebam que viver política não é viver partido. Esse é um processo de mudança que tem que começar na escola e com mais iniciativas para debater a cidade", opina.

Foto: Divulgação CMJP



O gestor público Pedro Chaves possui texto em tramitação há dois anos na plataforma





Foto: Marcos Russo



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Arquivo Pessoal

De Londres, Daniela Melo conta que apenas o marido, Dislau Melo, está saindo para trabalhar, por orientação do governo; já na Ilha de Martinica, a estudante Julita Moreira afirma que sair de casa só em casos muito extremos

# De outros países, famílias da PB falam sobre o Covid-19

## Muitos paraibanos estão sentindo as consequências da pandemia do coronavírus em várias partes do mundo

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

Se na Paraíba as mudanças na rotina com o objetivo de evitar a proliferação do Covid-19 começam a acontecer; ao redor mundo alguns paraibanos já tiveram a vida alterada há algum tempo. No Reino Unido, Austrália, Paris e até na Ilha de Martinica, paraibanos em quarentena falam sobre as alterações causadas pela pandemia que está amedrontando o planeta. Daniela Melo e o marido, Dislau Segundo, moram em Londres há seis anos e há uma semana só ele tem saído para trabalhar. Na empresa de tecnologia e telecomunicações, onde o casal trabalha, cerca de oito mil funcionários estão fazendo home office.

“Pouco mais de 100 estão indo para a empresa porque precisamos mesmo, os demais estão trabalhando de casa. Segundo tem ido e fica em uma espécie de stand by”, conta Daniela que deixou de ir também à academia. “Estamos de fato nos poupando como podemos, até porque aqui no bairro existem mais de vinte casos confirmados da doença”, relata. Nos supermercados os produtos básicos já estão faltando, mas não é isso que tem angustiado a entrevistada. “É a incerteza, por não saber o que vai acontecer e quando tudo isso vai passar”.

### Em Martinica

Em Fort de France, na Ilha de Martinica- Caribe- a situação é ainda mais delicada. A estudante em Tecnologia da Informação e da Comunicação, Julita Moreira, conta que não sai de casa desde o dia 16 de março quando o governo francês, responsável por governar a Ilha, determinou a quarentena. Sair de casa, só em casos extremos e com autorização. “Aqui só podemos sair pra comprar comida ou remédios. Quem descumprir pode receber multas de 135 a 345 euros”, detalha.

Com dois filhos pequenos em casa, a paraibana reconhece que a medida é extremamente necessária e se esforça para atravessar o período da melhor maneira. “Eu estou trancada com meus filhos. Organizo o dia como se eles estivessem na escola. Todos os dias temos atividades e devemos continuar o aprendizado, como foi indicado pelo Ministério da Educação. Estou tentando manter um ritmo adaptado e é importante ficarmos confinados para evitar que a epidemia se propague.” Segundo Julita, a Martinica possui 23 casos do Covid-19 e apenas uma morte.

## + Na Austrália, família se adapta à nova realidade

A 18 mil quilômetros de distância da Martinica, em Perth na Austrália, Fabiana Ferreira e família também se adaptam à nova realidade. Morando há dois anos na cidade a paraibana, mãe de dois filhos de 4 e 7 anos, conta que o marido perdeu o emprego, já em consequência da recessão econômica decorrente da pandemia. “O impacto econômico foi tão forte que o governo australiano manteve as escolas, shoppings e supermercados funcionando normalmente para não prejudicar ainda mais a economia, o que dá a impressão de normalidade no dia a dia”, conta.

Fabiana explica também que os australianos têm ignorado a recomendação das autoridades e seguem estocando



Foto: Arquivo Pessoal

Fabiana Ferreira: marido perdeu o emprego

alimentos e produtos de higiene pessoal. “Para conseguir produtos básicos como arroz, papel higiênico e até mesmo carne, é preciso chegar cedo nos supermercados. Para evitar tumulto e desabastecimento total, as pessoas estão sendo limitadas a levar 1 ou 2 unidades de cada item.”

A entrevistada explicou também que a primeira hora

de atendimento dos supermercados é reservada aos idosos e pessoas dos grupos de risco, que têm preferência na compra dos produtos mais procurados. “É mais uma medida preventiva e cabe a nós, que não fazemos parte do grupo de risco, saber onde têm os produtos que precisamos comprar”.

Em relação aos filhos, Fabiana conta que as aulas continuam e que os cuidados com a prevenção foram intensificados. “Aqui na Austrália as comunidades escolares são bem integradas, os pais costumam conversar após as aulas enquanto as crianças brincam no Playground da escola. Depois do coronavírus a conversa na hora da saída foi trocada por acenos e sorrisos de longe”.



### AUSTRÁLIA

■ País vai fechar fronteiras para interromper proliferação do coronavírus



### FRANÇA

■ Até o fechamento desta edição, a França já contabilizava 264 óbitos



### REINO UNIDO

■ Tomou medidas enérgicas para conter a propagação do vírus



### MARTINICA

■ Multa para quem descumprir isolamento é de 135 a 345 euros

## Isolamento une pessoas em Paris

Em Paris, Karla Candeia está em casa com o marido e o filho de 4 anos desde o último sábado. “Um colega do trabalho do meu marido morreu por conta da doença. Isso porque a curva do corona aqui ainda está subindo”, conta preocupada. Até a última quinta-feira, 19, a França havia contabilizado 264 mortes por conta do vírus. Mas em meio ao clima de tensão vivido não só na cidade mas em todo o mundo, Karla conta que tem conseguido manter a calma e tem aproveitado os momentos em família. “Tanto eu quanto o Camile trabalhamos muito e temos pouco tempo juntos com Gaspard, que passa o dia na creche”.

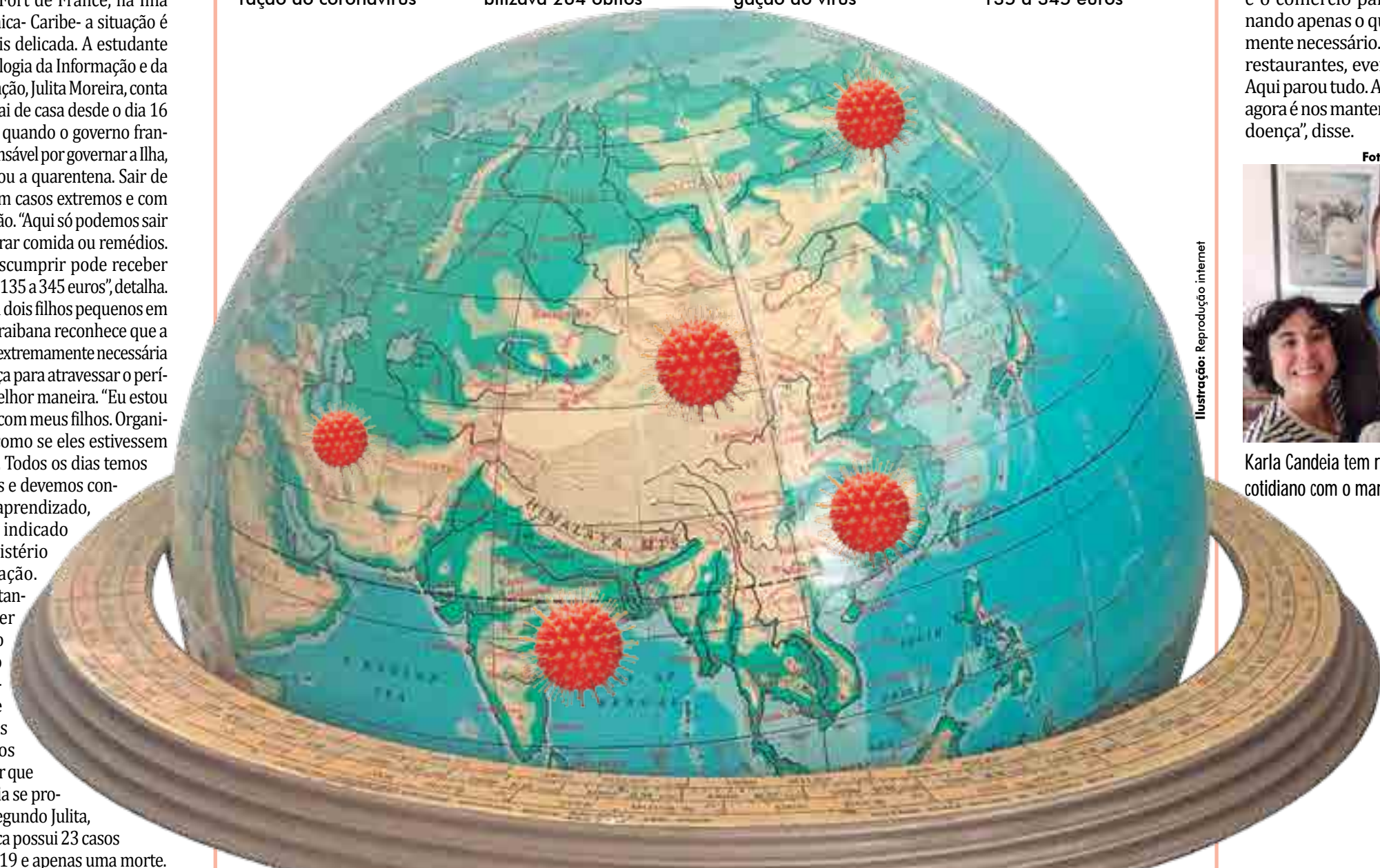
Brincar com o filho pequeno e colocar em dia demandas da casa, que normalmente não são possíveis com a rotina intensa de trabalho, tem deixado o confinamento mais leve. “Estamos fazendo mil atividades juntos. Leituras, jogos, filmes e colocando a casa em dia. Sinceramente, estar em casa todos juntos tem sido muito bom”. Fora de casa, Karla conta que Paris é outra. A cidade, uma das mais visitadas do mundo, está vazia e o comércio parado, funcionando apenas o que é extremamente necessário. “Bares, cafés, restaurantes, eventos, escolas. Aqui parou tudo. A preocupação agora é nos mantermos longe da doença”, disse.

Foto: Arquivo Pessoal



Karla Candeia tem reinventado o cotidiano com o marido e filho

Ilustração: Reprodução internet





# Professor paraibano relata os dias de pânico na Itália

De passagem por Torino para participar de evento, Marcílio Franca acompanhou pico do Covid-19 no país

**Rammom Monte**  
rammom511@hotmail.com

Um verdadeiro cenário de guerra. Foi o que presenciou o paraibano Marcílio Franca nas três semanas que passou na Itália. Ruas vazias, autorização para poder sair de casa e muito temor. Isto tudo devido ao Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, que a cada dia faz mais vítimas no país europeu, e em outras partes do mundo.

Marcílio, que é pós-doutor em Direito da Arte, estava em Torino, para onde havia sido convidado para passar cinco semanas como professor convidado da universidade local. Ele só ficou menos de 20 dias no país, mas viu o número de casos saltar de 90 para mais de 20 mil. E garante: o isolamento social é o melhor remédio.

“Na Itália, na França, na Espanha, o consenso foi que o país teve que parar 14 dias. É o modo mais eficiente de diminuir a propagação do vírus. Obviamente, os efeitos colaterais desse shut down [fechamento de locais] são gravíssimos: dano econômico profundo e xenofobia crescente, mas até agora parece não haver outro modo... A Itália reconheceu que errou ao retardar essas medidas”, afirmou.

Vendo que a situação se agravava a cada dia, o professor, que viajava acompanhado de sua mãe, decidiu voltar para o Brasil antes do prazo estabelecido anteriormente. Porém, foi necessá-



O professor Marcílio Franca, num dos locais mais frequentados em Torino, na Itália, afetada pela pandemia. Em 20 dias, ele viu o número de casos do Covid-19 saltar de 90 para 20 mil



Fotos: Arquivo Pessoal

rio uma quase operação de guerra para conseguir retornar a seu país.

## Volta ao Brasil

“Antecipei minha volta em duas semanas, pois a situação na Itália é calamitosa! Quando saí de Torino, na quarta-feira (11 de março), a única fronteira ainda aberta era a da França, para onde tivemos de ir de trem. Hoje essa fronteira está fechada. Até então, os poucos voos anunciados são sempre cancelados. Os aeroportos italianos hoje quase não têm mais movimento”, relatou.

E ao chegar ao Brasil,

ele afirma que nada foi feito como medida de segurança. “No último sábado (14), saí do aeroporto de Paris, fiz uma baldeação em Lisboa e cheguei no Recife sem passar por nenhuma barreira sanitária. Ninguém tirou minha temperatura, com aquelas pistolas-termômetro. Nada. A França, a Espanha e Portugal parecem ter entendido a gravidade do problema, apesar da demora. Aqui, parecem não ter entendido a lição dos meus queridos amigos italianos”, lamenta.

A situação de isolamento e evacuação não é nova para o professor. Po-

rém, ele garante que desta vez o inimigo é muito mais desafiador.

“Há 15 anos, quando eu era funcionário da ONU, eu vivi a dura experiência de uma evacuação de urgência no Timor-Leste, depois de uma revolta popular. Saímos escoltados, em um comboio, eu e um representante da Unicef. Agora, a situação é muito, muito pior, pois o inimigo é invisível e dele não se pode desviar”, lembrou.

Ele ainda falou um pouco da situação em que se encontrava a Itália quando ele saiu e também através das notícias mais recentes.

## Isolamento é a solução

“Os leitos de UTI nos hospitais italianos já estão lotados há muitas semanas. Os médicos e enfermeiros, fatigados. Agora, são os necrotérios que não dão conta da demanda. Os cadáveres ficam insepultos por até 3 dias, segundo os jornais. Velórios e missas foram proibidos pelo governo. É preciso que as pessoas notem que lavar as mãos e manter distância já não são medidas suficientes. Temos de parar totalmente nossas atividades, ficando reclusos”, reforça.

Apesar de estar assintomático, o professor e sua mãe estão em quarentena, isolados, na casa dela. Por fim, ele faz um apelo e reforça a necessidade de isolamento.

## Parar o país

“Temos de parar o país. É inadmissível que restaurantes, cinemas, bares, shoppings estejam lotados... Não estamos de férias. Ou adotamos uma postura responsável de guardar quarentena ou colocamos em risco a vida uns dos outros”, finalizou.



Fotos: Roberto Guedes

## Na Paraíba: mudanças de hábitos

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

O medo da pandemia do novo coronavírus tem feito muitos paraibanos mudarem os hábitos e o objetivo é um só: evitar o contágio. Na casa da Joana D'arc Morais a dinâmica é outra desde ontem quando os filhos gêmeos, Márcio e Mariane Morais, de 10 anos, ficaram sem aulas pelo período inicial de um mês. O futsal de Márcio e o judô de Maryane também pararam e Joana sabe que a quarentena está apenas começando. “E eu vou ter que me ‘virar nos 30’, porque eu e meu marido estamos trabalhando”, conta.

Outra mudança diz respeito à visita aos avós paternos e a avó materna. “E eles ajudam muito, ficam com os meninos quando necessário e a gente sabe que, nesse primeiro momento, essas idas a casa dos avós também estão canceladas. Aqui vai ser televisão e videogame com força”, brinca. A cabeleireira e maquiadora contou também que vai levar os filhos à praça,

para que eles possam sair do apartamento, mesmo que por alguns momentos. “Tem uma pracinha aqui perto, e quando chegar do trabalho vou levar eles pra brincarem um pouco lá”. Além da quarentena, Joana D'arc está atenta aos procedimentos de segurança e já orientou os filhos. “Lavar sempre as mãos.

A dona de casa Patrícia Lucena entende que esse é um período necessário e que deve ser respeitado. Em casa, Anna Gabrielly, 12, Eugênio, 9, e Ester Lucena, 5, estão liberados de todas as atividades. Sem escola, inglês, natação, vôlei e os ensaios do coral da igreja, resta usar a criatividade para passar tempo com a segurança que o momento pede. Patrícia conta o que ela e o marido, aposentado, pretendem fazer para distrair as crianças. “Vamos assistir TV e colocar as séries em dia. Já combinamos fazer exercícios e tarefas pra não perder o ritmo de estudos. Também vamos ficar indo à pracinha de noite, que é um espaço arejado e que não tem muita gente”, detalha.

A família também intensificou as medidas de prevenção ao vírus e até a caçula, Ester, sabe como proceder em tempos de ‘colonavírus’, como ela mesma disse. “Lavar as mãos e eu passo álcool rosa”, disse a pequena, e a mãe confirmou. “Elas têm álcool cor de rosa e Eugeninho, azul, e os três estão sempre lavando as mãos e passando o produto e assim que a gente chega da praça eles correm para o banho”.

Para a idosa, Verônica Luna, os hábitos também mudaram recentemente. Aos 69 anos, a aposentada parou com os exercícios na academia de ginástica e está evitando ir às consultas médicas rotineiras. “De casa, para a casa da minha filha e, quando muito necessário, ao supermercado”, conta. As viagens quase semanais para ver os parentes, que moram no interior do Estado, também estão suspensas. “Minha sogra tem 95 anos e no momento precisamos preservá-la. Sabemos que o assunto é sério e que o momento exige cuidados”, finalizou.



Mesmo trabalhando fora, Joana D'arc se dedica às atividades com o casal de filhos que está em casa



Sem escola e em período de isolamento social, Patrícia Lucena usa de criatividade com as crianças



# Sem Bolsa Família, extrema pobreza atinge mais pessoas

Cortes no benefício afetaram quase 1.400 famílias na Paraíba apenas em janeiro e continuam sendo feitos

**Nilber Lucena**  
Especial para A União

Estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas revela que entre os anos de 2014 e 2018, a renda dos mais pobres no país caiu 5% e, como consequência, o percentual da população em condição de extrema pobreza cresceu mais de 70%, o que representa mais de três milhões de pessoas na linha da extrema pobreza. Entre os fatores que contribuíram para esse aumento significativo estão a recessão econômica e os cortes no Bolsa Família.

“A extrema pobreza é uma condição que ultrapassa um certo limite nas condições de vida das famílias de baixa renda. A pobreza já é uma situação em que as pessoas vivem de carências importantes do ponto de vista da alimentação, saúde, moradia, escola e outros. A extrema pobreza é quando isso chega ao limite, ao limite da sobrevivência, quando a sobrevivência destas pessoas está ameaçada”, assim define a extrema pobreza o professor e doutor em Sociologia da UFPB, Roberto Vêras de Oliveira.

Uma das formas de combate à extrema pobreza são os programas de transferência de renda criados pelo Governo Federal e pelos governos estaduais, a exemplo do Bolsa Família, criado em 2003.

Na Paraíba, de acordo com a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano, em janeiro deste ano, 1.385 famílias tiveram o benefício cancelado por algum motivo, enquanto as concessões nesse mesmo período foi de 116 benefícios, além disso, quase 36 mil famílias encontravam-se na fila de espera para ter acesso ao benefício do Bolsa Família.

Da folha de março, cujo

pagamento começou na última quinta-feira, foram cortadas 158.452 bolsas, sendo 61,1% delas no Nordeste. Em razão disso, na sexta-feira, o governador João Azevêdo e demais governadores da região anunciaram um documento a ser encaminhado ao Governo Federal solicitando a imediata suspensão dos cortes.

O estudo da Fundação Getúlio Vargas revelou ainda que no país mais de um milhão de famílias foram desligadas do programa entre maio de 2019 e janeiro deste ano. Ainda de acordo com o estudo, a média anual de famílias que deveriam ser atendidas é de 500 mil e hoje o programa atende a um quinto da população, o que representa mais de 40 milhões de pessoas.

Ainda segundo o estudo, entre os anos de 2015 e 2017, o valor do benefício ficou abaixo da inflação registrada, o que implica em um menor poder aquisitivo dos beneficiários.

Um dos problemas ligados à extrema pobreza é a condição de moradia das pessoas, que muitas das vezes vivem em condições desumanas, inclusive, morando em lugares que põem em risco as suas vidas, como explica o sociólogo Roberto Vêras.

“Quando as pessoas estão em condição de extrema pobreza lhe falta renda, sobretudo, uma renda monetária para suprir as necessidades mais básicas, podendo estar em situação de fome, desnutrição e, nessas condições, o índice de mortalidade infantil é elevadíssimo. As condições de moradias são as mais precárias, as pessoas vivem em moradias vulneráveis, estando sujeitas a todas as intempéries que possam aparecer, como chuvas, enchentes e outras coisas”, pontuou.

Foto: Marcos Russo



O sociólogo Roberto Vêras alerta para condições de moradia de famílias



Foto: Marcos Russo

O programa Bolsa Família conseguiu retirar milhões de pessoas da extrema pobreza, mas os cortes têm levado famílias de volta à condição de miséria

## + Dificuldades para sobreviver sem dinheiro

A dona de casa Daniele Costa, moradora da comunidade São Rafael, em João Pessoa, divide a casa com seus cinco filhos, além da irmã e mais dois sobrinhos, e conta a dificuldade que enfrenta por depender exclusivamente do benefício.

“A minha renda mensal é o benefício do meu filho que tem problemas mentais e mais o Bolsa Família, que era de R\$ 294, mas, recentemente, reduziram o valor, informando que minha renda já era o suficiente para sobreviver. Hoje, recebo R\$ 205, perdi R\$ 89, que fazem muita falta”.

Daniele gasta mensalmente mais de R\$ 200 com medicação para o seu filho que tem transtornos mentais, além do gasto com fraldas descartáveis e ainda as despesas da casa.

“Não tem condições de uma pessoa viver com um salário mínimo dentro de uma casa com sete crianças e dois adultos, fazer feira, pagar energia e ainda comprar a medicação de meu filho. Isso tudo só com esse dinheiro é impossível”, desabafou.

### Cancelamento

Fabiana de Oliveira, também moradora da comunidade São Rafael, enfrenta uma realidade ainda mais difícil depois que teve o benefício cancelado. “Eu trabalhava fazendo bicos como manicure e comecei a pagar o INSS como autônoma para, mais na frente, garantir uma aposentadoria; o Bolsa Família complementava o que eu ganhava como manicure. Porém, eu perdi o benefício. Quando procurei saber, disseram que eu tinha condições e não precisava do dinheiro, mas minha única renda sempre foi



Foto: Marcos Russo

Número de famílias abaixo da linha de pobreza tem aumentado com redução do benefício

das unhas que faço e ninguém consegue sobreviver com R\$ 23. Por conta disso, deixei de pagar o INSS”, comentou.

Atualmente, Fabiana vende água nas praias nos fins de semana para garantir alguma renda, no entanto, o valor adquirido ao fim do mês não dá para suprir as necessidades básicas. “Tenho um filho de dezoito anos que não trabalha, está apenas estudando, mas me ajuda a vender água na praia. Não entendo porque cortaram o meu Bolsa Família se eu preciso; se eu tivesse condições nem morava aqui e hoje passo por muitas dificuldades; eu praticamente não faço feira, estou indo comer todos os dias na casa da minha mãe.”



Daniele teve o benefício reduzido. Perdeu R\$ 89, que fazem falta em casa, principalmente porque tem um filho com problemas de saúde





Foto: Agência Brasil

# Especialistas analisam efeito do Covid-19 na geopolítica

Técnicos de várias áreas discutem consequências do coronavírus em diferentes aspectos da aldeia global

**Márcia Dementshuk**  
Especial para A União

Para além das consequências na saúde global, o “evento coronavírus” aponta para a necessidade de transformações na organização política e econômica mundial. Pesquisadores do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), analisam os efeitos do coronavírus sob uma perspectiva geopolítica sistêmica e chamam a atenção para alguns fatores; três deles serão tratados nessa reportagem: a emergência da China como liderança política; a influência política prejudicando orientações técnicas com base científica; e a urgência de um novo modelo econômico de produção e consumo.

Não há notícias ou informações sobre o foco inicial. A China foi o país capaz de detectar, diferenciar a doença de outras gripes procurar meios de tratamento e combater e informar para o resto do mundo. Enquanto isso, o resto do mundo acompanha, perplexo, a construção de um hospital com mil leitos em 10 dias; e começa a identificar casos, sem sucesso no combate. A pandemia se instalou.

“O que está acontecendo reforça a necessidade de uma revisão das instituições internacionais. E essa crise de saúde internacional reforça a necessidade de se ter essas instituições fortalecidas”. Henrique Altemani, que foi coordenador adjunto do Mestrado em Relações Internacionais da UEPB e atualmente é pesquisador na Universidade de Brasília (UnB), se refere à atuação da Organização Mundial da Saúde, como instituição internacional técnica e a forma como os países aplicam essas recomendações. “Há a necessidade de uma cooperação global muitas vezes prejudicada por decisões políticas.”

A coordenadora do Curso de Graduação em Relações Internacionais da UEPB, Raquel Melo, salienta que a cooperação internacional é uma necessidade básica para os países se relacionarem. “Num surto pandêmico, especialistas precisam dar uma orientação global sobre o que fazer. A Organização Mundial da Saúde uniformiza as informações a partir de um conhecimento técnico científico. O problema é que nenhuma decisão técnica é considerada sem a política exercida nos países. Os estados não abrem mão de suas vontades soberanas de fazer da forma como eles entendem. No Brasil vimos o líder do país reagindo de forma descompromissada diante de uma doença seriamente contagiosa. Mesmo estando em suspeita de contaminação, ele saiu a apertar as mãos de pessoas. Uma atitude baseada meramente em aspectos ideológicos, sem considerar os técnicos”.

**/// O que está acontecendo reforça a necessidade de uma revisão das instituições internacionais ///**



## China sai fortalecida

Embora apontada como origem da pandemia ainda que não se saiba comprovadamente, a China emerge como nação fortalecida na geografia política internacional. Sai da China para outros países doações de caixas com máscaras cirúrgicas e outros itens; equipes médicas para a Itália, Irã, Iraque, capazes de orientar o atendimento; artigos científicos com resultados de pesquisas acerca do novo vírus.

“Há uma mobilização efetiva da China de ações para resolver problemas regionais de outros países. Enquanto os Estados Unidos viram as costas para a Organização Mundial do Comércio, a China é defensora do multilateralismo comercial. Os EUA se retiraram do Acordo de Paris, um espaço que a China está ocupando e encabeçando a luta pelo meio-ambiente de uma forma global”, afirma Altemani. “O pensamento em prol do coletivo na China não tem nada a ver com o comunismo, mas sim com a base filosófica onde está, também, o respeito às autoridades, especialmente quando se tem confiança na autoridade.”

Por outro lado, ressalta Altemani, os Estados Unidos reagiram segurando o mercado financeiro através de ações de redução de juros, o que não surtiu resultado; e depois de não tomarem as precauções devidas inicialmente, tomam decisões unilaterais.

## Capitalismo insustentável

Também vem da China imagens contrastantes de uma zona urbana carregada de poluição e a mesma cidade com o céu limpo depois que os causadores da poluição deixam de circular nas ruas - os humanos. E é neste momento crucial na história da humanidade que urge a constatação: “O planeta não suporta mais sustentar o modelo econômico vigente”.

Raquel Melo lembra que determinados fatos não respeitam as fronteiras internacionais. “Não entendemos nada da nossa realidade se não entendermos o sistema internacional, das relações políticas, das relações de poder, quem pode mais, quem influencia mais; das relações entre o poder econômico, o produtivo e o meio ambiente; e a cultura que dá suporte a isso. E qual é o papel do Estado (dos governos dos países) para isso?”, questiona Raquel Melo.

“As realidades da desigualdade são compreendidas a partir de uma estrutura internacional. O modelo capitalista agressivo praticado hoje cria desigualdades e temos uma estrutura cultural e social que justificam essas desigualdades.”

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

“É possível criar paliativos; ações amenizadoras, políticas para amortecer as consequências. Em um determinado momento da história a Europa viveu os Estados de “Bem-estar”, países que conviviam com essa estrutura econômica, capitalistas, democráticos, mas tinham sistemas fortes de amortecimento operando - um sistema de educação, de saúde, de segurança do trabalho, etc. As diferenças sociais eram reduzidas. Se o governo não cria filtros dentro desse sistema, acabam surgindo abismos profundos de desigualdade.”

“Vários teóricos atuais demonstram que o mundo não se sustenta mais com esse modelo. As questões climáticas estão relacionadas a essa estrutura econômica de exploração. Através dessa paralisia em função do coronavírus temos mais clareza quanto aos sinais que o mundo dá de que esse modelo não se sustenta”, ressalta Raquel Melo.

A professora Marcionila Fernandes, que implementou o curso de Relações Internacionais (RI) na UEPB, trouxe os programas Procace (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú) e o Projeto Cooperar, realizados na Paraíba com financiamentos internacionais. São fundos executados pelo Banco Mundial destinados a amenizar a questão da pobreza. “A pobreza é uma questão moral para os países ricos”, destaca Marcionila. “A produção financeira por esses fundos exigem que sejam feitas ações dentro de padrões e metodologias que priorizam a questão de gênero, a questão ambiental, grupos sociais por etnia e atividades. E o desenvolvimento econômico é vinculado ao ambiental - uma política do desenvolvimento territorial sustentável, que corresponde aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis. A pessoa que compete essa dinâmica é o profissional de RI”.



Analistas afirmam que a China foi o país capaz de detectar, diferenciar a doença de outras gripes, procurar meios de tratamento e construir um hospital em tempo recorde





Foto: Divulgação

Ensaio realizado pela artista relaciona um poema de Hilda Araújo, descrevendo cada pedra como elemento essencial para se erguer a cerca



# Dona de um olhar que nasceu literário e cheio de lirismo

## Constância Maria revela suas inspirações, formações e diz como é ser uma poetisa em construção

**Cairé Andrade**  
caireandrade@gmail.com

Nascida e criada em Caiçó, no Rio Grande do Norte, a poetisa Constância Maria é uma sonhadora e uma pessoa que sempre fez uso de filtros para ver o mundo de maneira mais leve.

Seu modo de viver é responsável pela maneira leve e delicada de encarar a rotina. Inclusive, afrontar à crise causada pela pandemia mundo afora. "Acredito que meu olhar já nasceu literário. Sempre olhei o mundo cheio de lirismo, sempre vi o colega não como um colega, mas como alguém que pudesse contribuir na minha vida. Sempre vi a professora como uma santa que estava ali para educar. Sempre encarei a vida dessa forma. Desde muito nova, escrevi diário e contos, de maneira informal. Por mais que eu não usasse ainda o formato da poesia popular cadenciada, com métrica rima e oração, minha linguagem sempre foi poética.

/// Acho que a poesia feminina pode representar força, mas também pode representar a mesma força, estando de igual para igual. Não quero trazer suavidade sempre ///

Minha forma de ver o mundo sempre foi poético", define.

Apesar do contexto do novo coronavírus mundo afora, a escritora admite se voltar sempre ao lado bom das coisas. "Mesmo em meio à pandemia, vejo o ser humano se voltando para dentro, o que é muito importante. Junto com o olhar poético vem a esperança, acredito que toda a sociedade vai estar mais consciente de que o mar e o céu são um só para todos e que cada um precisa de cada qual. Como diz Hilda Araújo, 'Nós somos sustentáveis apesar das diferenças'". Constância cita a conterrânea e faz referência ao ensaio que realizou com a cerca de pedras, relacionando com um poema escrito por Hilda, que descreve cada pedra como um elemento essencial para se erguer a cerca.

Constância revela produzir bastante e que até gostaria de um pouco de autocontrole nas escritas. "Caso contrário, eu não paro". Em relação a ser uma mulher escritora e como é vista no ramo da literatura, ela revela já ter ouvido algo como "escrever como um homem", na intenção de elogio, mas que não foi visto como tal por ela. "Acho que a poesia feminina pode representar força, mas também pode representar a mesma força, estando de igual para igual. Não quero trazer suavidade sempre", desabafa.

A poetisa em construção, como se denomina, tem

uma relação próxima com a Paraíba. "A região que eu nasci já pertenceu à Paraíba, de modo que até nossos costumes e sotaque se parecem. Para completar, meu pai é paraibano. Sou louca por João Pessoa, não consigo mais passar um São João sem ir a Campina Grande".

Sobre suas inspirações artísticas, Constância revela ter uma forte ligação com a poesia de Ronaldo Cunha

Lima. "Quando eu recito os poemas dele, sinto como se pertencesse àquilo. É algo que vai além de uma simples identificação". Há também influências de Leandro Gomes de Barros, Pinto do Monteiro, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Chico César e do poeta Marco di Aurélio. "O nível cultural da Paraíba é muito alto e até hoje permanece. Onde há alegria há a presença da boa arte".

Vivendo em uma dicotomia, como a própria escritora define, Constância Maria teve uma infância baseada em momentos onde era aplaudida no eventos escolares e "podada" em casa, pela preocupação da mãe. "Quando criança, eu não era incentivada para ir para as artes. Então, cresci nessa dicotomia, pois era aplaudida nas apresentações escolares, mas podada em casa. Acredi-

to que isso tenha me tornado ainda mais ousada, saber desde cedo que eu não agradaria a todos, e isso foi excelente", explica. "Dessa forma, aprendi a não receber aplauso, o que me tornou preparada para receber críticas. Em casa, recebi amor, mas não esse estímulo. Eu vou muito tranquila para as apresentações e sou muito aberta, o que atribuo à maneira como fui criada pela minha mãe".

## Inclinação para artes é resultado de lutas feministas

Constância Maria revela que sua inclinação para as artes pode ser um resultado histórico de batalha de feministas nordestinas. "O Rio Grande do Norte é fantástico em relação à presença da mulher na literatura. Foram mulheres que sempre estiveram na luta pelos seus direitos, pela igualdade de gênero".

A escritora cita, como exemplos, nomes como Nísia Floresta, Auta de Souza e Zila Mamede, esta última, uma paraibana radicada no Rio Grande do Norte. "Em um Estado onde nós podemos contar com essas mulheres no movimento, acredito que se incluir nesse campo das artes torna-se um processo muito mais tranquilo. Embora não escreva de maneira formal e eu quero ser sempre uma aprendiz, pois temo que a vaidade eleva a minha alma de modo que eu me veja sempre em construção", define.

A região do seridó, de acordo com a poetisa, é inspiradora por abranger a tristeza da seca com a inspiração de um povo que luta contra as adversidades. "Por fazer parte disso e de ter essas mulheres, abrem-se muitas portas. Elas foram desbravadoras não só na literatura. Nós temos a primeira professora com síndrome de down

do Brasil, Débora Seabra, a primeira deputada estadual, a primeira prefeita eleita da América Latina, o primeiro voto feminino foi daqui do Estado. A gente sabe que essa vanguarda política feminina do Rio Grande do Norte não haveria se não fossem essas feministas. Suas lutas resultaram em direitos que podemos ter acesso hoje".

Foto: Dyego Leandro/Divulgação



"Eu quero ser sempre uma aprendiz", aponta a artista nordestina



## Artigo Estevam Dedalus

Sociólogo

Foto: Divulgação

## É preciso unir o país

Nos últimos anos o Brasil entrou numa “bad” difícil de curar. Desde então, vivemos uma série sucessiva de acontecimentos ruins que se multiplicam. Eles ensinam que as coisas sempre podem piorar, especialmente se não agirmos para impedir. O ponto de virada nesse processo foi a aventura antidemocrática que o país se meteu com o impeachment de Dilma Rousseff. Um golpe de Estado modernizado, sem o uso de tanques de guerra ou fuzis.

O enfraquecimento das instituições democráticas, naturalmente, cobra um alto preço. A confiança dos brasileiros caiu a níveis abissais, instalando um cenário de descrença coletiva na política e nas instituições, sem o qual a eleição de Jair Bolsonaro não seria possível.

Bolsonaro, antes de ser eleito presidente, foi um deputado sem brilho, fisiocrático, intolerante, defensor da ditadura militar e da tortura, que de vez em quando conseguia espaço em programas sensacionalistas de TV. Sedentos por audiência, eles exploravam suas declarações absurdas, seu jeito caricatural, anacrônico, tosco e risível. Apesar disso, ele foi construído eleitoralmente como um não político defensor da moral e dos bons costumes.

A antipolítica que Bolsonaro representa é uma espécie de vírus sorrateiro que fica à espreita para atacar ao menor sinal de baixa de imunidade democrática. O seu

alimento é a ignorância, o medo, a desesperança e a irracionalidade. Não por acaso seus ataques à ciência, à arte e aos intelectuais.

A pandemia que o mundo enfrenta agora deixou claro a importância da ciência, do Estado, de um sistema de saúde público e de um governo que seja capaz de conduzir a nação por mares arredios. Bolsonaro, no entanto, é um péssimo timoneiro que insiste em navegar na contra-mão das correntes civilizatórias. Enquanto os principais líderes mundiais tratavam a pandemia como o grande episódio do Século 21, Bolsonaro quebrava as recomendações de isolamento do Ministério da Saúde convocando e participando de uma manifestação contra duas importantes instituições democráticas: o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

Como se não bastasse, Bolsonaro declarou que a epidemia não era assim tão grave, que tudo não passava de alarmismo da mídia. Ao mesmo tempo em que a situação se agravava em todo país. Cabe ressaltar a atuação política dos governadores, o papel informativo desempenhado por parte da imprensa, a estrutura do SUS e o empenho dos profissionais de saúde que permitem uma ação articulada e racional no combate a essa terrível doença.

O momento é de solidariedade e união do país.

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com

## A dignidade e a política da morte

Foto: Divulgação

Na história da maldade humana, encontramos um poder político que decide quem pode viver e quem deve morrer. A submissão da vida ao terror nasce do necropoder com o objetivo de criar uma forma única de existência, que conduz o humano a se tornar estranho a si mesmo, e se articula nas relações patológicas para gerar a loucura, o suicídio e o pânico. Essa finalidade da necropolítica constitui o controle absoluto e dissociativo para com todo humano desprovido de dignidade e criticidade. O indivíduo que é constituído por um ódio interno, geralmente se identifica com o ódio externo para transferir as próprias falhas psíquicas por não se suportar e para fugir de uma culpabilidade.

O filósofo, historiador, teórico político e professor Joseph-Achille Mbembe (1957), nos mostra que existe uma constante social que caracteriza uma vulnerabilidade das lideranças políticas para atender à escassez material e a dignidade da sobrevivência humana. Esse contexto é o que define a necropolítica, também é conhecida como uma política de morte, e isso é uma força coercitiva para controlar um povo. Mbembe apresenta um conceito de força política que produz realidades de morte, que é mais determinante do que o poder da inimizade e o da perseguição. Tese que supera os conceitos do biopoder e o da biopolítica do filósofo, filólogo, crítico literário Michel Foucault (1926-1984). O biopoder é o domínio da vida através do controle. Nos dias atuais, se consideramos a política uma forma de guerra e um processo dissociativo, nos distanciamos do sentido da vida e se perde a sensibilidade de sentir a escassez, a dor e a miséria do outro. E nessa guerra política, a autoridade constituída pelo ódio legítima o direito de matar. A filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975), no seu livro *As Origens do Totalitarismo* (1951), afirmou que “Não há paralelos à vida nos campos de concentração. O seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela imaginação justamente



Filósofo e historiador Joseph-Achille Mbembe

por situar-se fora da vida e da morte”. O humano quando desprovido de dignidade – nos seus campos de morte – ao perder todos os valores humanos, se reduz somente ao seu corpo e isso o faz distante da lei e de toda norma social. Esse colapso existencial é determinado quando o Estado não garante as condições para a dignidade humana, se isso não existir, o que se pode esperar desse indivíduo num estado de exceção, nessa vida nua não inscrita no ordenamento jurídico? Esse indivíduo permanecerá fora da lei, e o que é estar fora da lei?

A falta de dignidade de um povo é determinada pelo desequilíbrio entre o poder da vida e da morte. Para Mbembe, as inimizades se dinamizam pelo direito de matar, de forma a institucionalizar o medo. Se o Estado estabelece a necropolítica como um regime, a desordem é descrita como um conflito armado ou por uma crise do terror. A modernidade sempre se afirmou nos conceitos de soberania, consequentemente, da biopolítica. A crítica política privilegiou as teorias normativas da democracia e tornou

a razão a sustentação dessa soberania a fim de produzir leis para a liberdade e a igualdade. O ser humano deve ser considerado um cidadão capaz de autoconhecimento, de autoconsciência, de pertencimento e autonomia. É a partir do reconhecimento da dignidade humana que nos diferencia do estado de guerra. A razão deve iniciar a partir da liberdade e da autonomia do humano, e a política se racionaliza no bem comum e no que é útil para todos.

Com o objetivo de relacionar o totalitarismo com a formação crítica do cidadão, sinta-se convidado para a audição do 259 programa do domingo sinfônico, no dia 22 deste, a partir de 22h até 0h. Será transmitida pela Rádio Tabajara na AM 1.110 ou FM 105,5. Para quem reside. Baixe o aplicativo ou busque no Google *radio-tabajara.pb.gov.br*. Nesta edição, irei apresentar o pianista e compositor Dmitriy Dmitriyevich Shostakovich (1906-1975). Diante das tragédias da guerra, ele construiu um senso crítico – no povo – para enfrentar e vencer a loucura dos ditadores, a fim de superar a brutalidade humana; a privação da liberdade; a escassez; e o extermínio social de um povo. Shostakovich expressa um otimismo para construir uma sociedade mais justa e mais humanizada. Em suas peças, ele combinou temas trágicos, temas agressivos do romantismo russo tardio e temas políticos com sátiras sociais para denunciar a miséria do povo. Através da sátira, ele usou conceitos do formalismo russo e do realismo estético russo como forma de ridicularizar o totalitarismo. Diante disso, nas peças, ele recriou as angústias do interior do homem ensurdecidas pelo símbolo da força esmagadora das perversidades dos ditadores. Além de suas sátiras e do seu surrealismo socialista, Shostakovich usou uma linguagem da melancolia e do romantismo que permitiram uma tristeza fúnebre e uma forte depressão. Esses sentimentos representam o sofrimento do cidadão provocado pelo esmagamento social e pela loucura gerada pela escassez material.

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## O judeu de Polanski

Acho que foi *Tess*, o primeiro filme que vi de Roman Polanski, no início dos anos 1980. Numa sessão corujão, com Pedro Santos, no Hotel Tambaú. Eu fiquei impressionado com a bela Tess, interpretada por Nastassja Kinski. Ela, quase uma Lolita. Lembro-me, perfeitamente, da cena em que o sangue pinga do primeiro andar, no tapete da sala de baixo do casarão.

Assim como *Tess*, que foi adaptado a partir da obra de Thomas Hardy, *Tess of the d'Urbervilles*, escrita em 1891, Polanski faz uma recriação visual incrível da obra *An Office and a Spy*, de Robert Harris, e traz aos nossos olhos *O Oficial e O Espião*, com cenas assombrosas. Um filme de tirar o fôlego.

*O Oficial e O Espião* conta o caso de Dreyfus uma história real que maculou a França. Vamos pensar numa fraude jurídica, escandalosa, um estopim político que agitou o país entre 1894 e 1906, que mexeu e manchou a imagem de civilização e a opinião pública em relação ao governo e ao exército francês. O que não é diferente de hoje. De jeito nenhum.

Exército e Governo mandam para o inferno o capitão de artilharia Alfred Dreyfus, condenado por entregar informações militares sigilosas aos alemães, sem apurações rigorosas, deixando para trás fatos ocultados e documentos forjados, para aumentar a pena do homem. Essa trajetória vergonhosa está na tela até o fim. Sim, até a última cena. Assistam.

O filme abre com a humilhação de Dreyfus (Louis Garrel), por “traição”. É cruel. A roupa do militar é arrancada botão a botão: o deixam quase nu diante de gritos de traidor. Depois do julgamento em um tribunal secreto, fechado, o envio do militar para o exílio: ele é levado para a Ilha do Diabo, na Guiana, como ênfase, com ironia, um general. Eu nem sabia que o diabo tinha uma ilha.

Logo, surgem as averiguações à procura de outros “possíveis” traidores no desenrolar da história. O protagonista e investigador Picquart (Jean Dujardin) só não esperava encontrar fortes indícios da inocência do capitão e muitas dificuldades para denunciar os erros do processo. O filme se arrasta até que o exército francês seja desmoralizado. Só porque o indicador traidor era um judeu? Era praxe na época?

O antissemitismo surge armado até os dentes e se destaca na personagem de Dreyfus, que fica confinado durante anos e privado de ver os filhos e outras pessoas. Não vamos pensar que o filme é triste. Não, o filme é necessário, mostra o homem e seu poder brutal, sua capacidade de esfolar, destruir lares, confundir tudo. Isso desde de que o homem é homem.

Estão lá os insultos aos judeus no discurso dos militares e na despreocupação em vê-los injustamente encarcerados, os mesmos judeus que foram mortos por Hitler e sua turma.

Polanski é singelo, feroz. Não posso mais falar nada do filme. Não sou crítico de cinema, nem preciso contar o final do filme. Só sei que no final, ata e desata e depois fica tudo na mesma.

## Kapetadas

1 – Não sabemos ao certo qual a proteção mais eficaz contra o coronavírus, mas, com certeza, não é a sua bolha.

2 – Vou passar álcool gel no cabelo que é onde eu mais passo a mão.

3 – Som caixa: “O cinema falado é o grande culpado da transformação”, Noel Rosa

Foto: Divulgação

‘O Oficial e O Espião’, mais recente filme de Roman Polanski



## Cinema

**Alex Santos**  
Cineasta e professor da UFPB



Autor de 'Kaos', Luigi Pirandello,  
Prêmio Nobel de 1934

# 'Kaos': um filme que nos leva a Pirandello

Existem expressões na língua portuguesa que são marcantes. E dão muito o que falar. Às vezes, até se criando sobre elas certas inventivas. Muitas dessas palavras têm suas origens tão remotas, tão distantes de nós, do nosso hábito de falar, de nos comunicarmos, quanto teria a própria história da humanidade. São expressões sobre as quais não nos cabe, nos dias de hoje, responsabilmente, a sua autoria. Mesmo assim, durante a vida toda, alguns dos muitos vocábulos que conhecemos, ganham mutações e significados curiosos, mesmo bizarros.

De origem grega, uma dessas expressões, o Cinema ou "kinimatográfou" (κινηματογράφου), como grande mídia cultural e de entretenimento que é, tem influenciado muito os nossos falares cotidianos. De certo, causado por algum feitiço que introjetamos, de algum modo inconscientemente. E na cultura popular, na forma de se expressar do nosso povo, temos muito desses exemplos.

Mas, há quem defenda, obstinada e equivocadamente, que a expressão Kaos (com "K" mesmo) – que tem ori-

gem também no grego e "foi usada pela primeira vez na Teogonia de Hesíodo", segundo grandes historiadores – seja uma "invenção" (sic) de alguém dessa nossa geração. De algum vivente do século passado, com razoável alcance cultural. E já se sabe ter sido o poeta grego Hesíodo o inventor de "Kaos", antes de Cristo, e que "autores antigos creditavam a ele e a Homero a instituição dos costumes religiosos gregos".

O cinema mesmo, em meados do século passado, realizou o filme *Kaos*, uma produção italiana dirigida pelos Irmãos Taviani (Vittorio e Paolo), baseada justamente num texto do dramaturgo Luigi Pirandello, escritor e poeta italiano de renome mundial. O mesmo Pirandello, autor do clássico *Kaos e outros contos sicilianos* (Kaos com "K"), que ganharia o grande Nobel de Literatura em 1934, falecendo dois anos depois, em Roma, na Itália.

*Kaos* (com "K") é um filme belíssimo, em cinco episódios, que tive o prazer de assistir quando morava, estudava na UnB e lecionava em Brasília Faculdade Dulcina de Moraes. Isso, em razão

dos estudos de linguagens de cinema e televisão, do curso de pós-graduação, orientado pelo professor doutor e cineasta Pedro Jorge de Castro. Aconselharia aos "cinemistas" de plantão a assistirem ao filme *Kaos*, baseado em (e sobre) Luigi Pirandello.

De domingo passado, rebobino uma coisa que sempre classifico de não raro no meu netinho Arthur, que é a destreza em seu modo de falar, também no trato com amiguinhos e adultos, contextualizando sempre em razão dos assuntos que discute. Foi dele a garantia do que seria um "cinemista", e que, apesar de seus prontos fundamentos, fiquei a viajar no tempo, buscando argumentos para me contrapor de imediato. Sinceramente, pela firmeza de sua narrativa, não consegui...

Mesmo em razão de uma mente infantil de apenas sete anos de idade, na cabecinha de uma criança de hoje, sabe-se existir muito mais informação do que na de um imperador romano nos tempos de Jesus Cristo. E isso, parece, estaria provado... – Mais "coisas de cinema", acesse: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br)



## APC: Vida e obra de seu Patrono

ACADEMIA PARAIBANA DE CINEMA – Cadeira Nº 16, Patrono: FERNANDO HONORATO (Ocupante: Manoel Jaime Xavier Filho). Comerciante, o jovem Fernando Honorato resolveu aproveitar um terreno existente em sua casa, transformando-o em local para exibição de filmes. O primitivo cinema, que se apresentava como "A casa dos grandes romances da tela", teve grande sucesso, motivando-o a construir um cinema de verdade, que foi o Cine São Pedro, perto da Praça da Pedra, em João Pessoa. Embora não fosse lançador, só exibia filmes de qualidade, e sempre oferecia novidades para sua clientela. Algumas eram as ornamentações, na fachada do prédio toda vez que exibia um filme de grande bilheteria. Além do mais, costumava fazer preleções em frente da tela sobre os valores do filme que seria projetado. Um verdadeiro culto ao cinema.

## Literatura infantil

# Plataforma de audiolivro libera 10 títulos de clássicos para crianças

**Maria Fernanda Rodrigues**  
Agência Estado

Criada em 2019 pela Sextante, Record e Intrínseca, e que conta com a participação de outras editoras, a Auti Books está liberando o acesso a 10 audiolivros infantis para ajudar as famílias que estão em isolamento para evitar disseminação do coronavírus.

São todos clássicos da literatura: *O Gato de Botas*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Pinóquio*, *Os Três Porquinhos*, *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, *O Patinho Feio*, *A Festa no Céu*, *João e Maria*, *O Pequeno Polegar* e *O Soldadinho de Chumbo*.

Os títulos podem ser encontrados no site da Auti Book ([www.autibooks.com](http://www.autibooks.com)) e no aplicativo para Android e iOS. Para baixar os títulos gratuitos, basta escolher o livro e, na hora da finalização, adicionar o cupom "vamosajudar".

A plataforma de audiolivros conta com outros audiolivros infantis e juvenis, com valores diversos. *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, custa, por exemplo R\$ 19,90, e *O Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, R\$ 37,90.



Além de 'Pinóquio', estão disponíveis gratuitamente obras como 'Chapeuzinho Vermelho', 'Os Três Porquinhos' e 'Ali Babá'

A Auti Books só vende livros, como o Google e a Kobo, mas há serviços de streaming de livros disponíveis no Brasil, como o Toca Livros, por R\$ 19,90 (e 15 dias sem cobrança para teste), a

Ubook, por R\$ 14,90 (e 7 dias para teste) e a Storytel, por R\$ 27,90 (e 14 dias para experimentar sem custo). Conheça a diferença entre os serviços e saiba como comprar um audiolivro.

## Letra Lúdica

**Hildeberto Barbosa Filho**  
[hildebertobarbosa@bol.com.br](mailto:hildebertobarbosa@bol.com.br)

# O louco e o poeta

Penso em escrever um poema contrapondo o poeta ao louco. No contraponto, rastreadei suas semelhanças e diferenças. Altos e baixos. O que é, o que não é, o que poderia ser. Sou daqueles que tenta intuir uma lógica secreta amarrando tudo, sempre com a convicção de que o branco não existe sem o preto, o feio sem o bonito, o falso sem o verdadeiro.

Vejam as semelhanças, se é que existem semelhanças.

Digamos que o louco vai e vem, sem destino, pelo meio da rua. Digamos que com o poeta ocorre mais ou menos o mesmo. O poeta também vai e vem, sem destino (seria mesmo sem destino?) pelo meio do poema. Se o louco não tem a menor ideia dos limites da rua e dos sintomas que o atacam na loucura, o poeta também parece não alcançar as fronteiras do seu próprio poema e não dominar os passos insuspeitáveis da poesia.

O louco joga pedras nas vidraças de casas conhecidas e desconhecidas; o poeta, por sua vez, joga palavras nos lábios da nuvem ignorada; o louco ri de todos, de si mesmo e de tudo. Aliás, não ri. Grita e morde a própria língua. O poeta não se faz de rogado: se ri, rir chorando a dor da própria humilhação, pois existem os que o confundem com o louco.

Será o poeta um louco mesmo? Ele também morde a sua própria língua e se fere todo com o chicote das metáforas mais malévolas. Cada palavra, no poema, arde dentro de seu próprio corpo. Arde e dói. Poesia dói. E loucura?

Vejam as diferenças se é que existem diferenças.

A diferença entre o louco e o poeta é que o louco tem a saúde natural da loucura, o instinto acima da sensibilidade e uma coragem e uma solidão que ninguém compreende ou não quer compreender. É difícil se colocar no lugar do louco. Não seria a loucura um não lugar? É difícil se colocar em qualquer lugar!

Já o poeta, em si mesmo, é doente e não tem cura. A poesia, esta peste cósmica, alquímica e interior, o contaminou para sempre. E pior, muitos se acham no direito de compreender o poeta. No direito de invadir a sua alma e de compartilhar, com ele e com seu poema, os sofrimentos e os enigmas do mundo.

A propósito, afirma G. K. Chesterton, no segundo capítulo de *Ordodoxia*, com o costumeiro ácido da ironia e do sarcasmo: "Os críticos são muito mais loucos que os poetas". Ao que acrescenta, mais adiante: "O poeta apenas pede para pôr a cabeça nos céus. O lógico é que procura pôr os céus dentro de sua cabeça".

Também vejo certa poesia no desamparo da loucura. Certas coisas, na loucura, como que lembram o ritmo descompassado de certos versos, a agonia e o refrigério de sentimentos ancestrais que pousam, de repente, no relampado das imagens e no atrito das ideias.

O louco é o poeta do absurdo e o nomeador, sem fala, das esquisitices do mundo. Seu idioma possui as artimanhas de um código cifrado que explode a lógica fechada daqueles que se dizem normais (e existem, de fato, os normais?).

Sem tirar nem pôr, o poeta não faz o mesmo? O poeta é o louco da linguagem. Quando está na lida com as palavras, seus lábios tremem, seus olhos palpitam, seu corpo vibra estranhos sons, cheios de tonalidades atonais.

Mas volto a Chesterton e aprendo que "O louco não é um homem que perdeu a razão. O louco é um homem que perdeu tudo, exceto a razão". Já o poeta vive da imaginação e de sua irmã mais próxima, a memória, sem certezas nem determinismos lógicos. Diferente do louco, para quem só há um único caminho, uma mesma história que se repete, o poeta sempre se vê diante de uma geografia aberta, diante de uma história que pode ser sempre reinventada.

O poeta pode até ser um louco, mas um louco nunca pode ser poeta. Poesia até pode ser loucura, mas loucura nunca é poesia!

Foto: Divulgação



G. K. Chesterton: "Os críticos são muito mais loucos que os poetas"





Os programas e projetos sociais da Polícia Militar da Paraíba estão mudando a realidade de crianças carentes de todo o Estado

# PM desenvolve programas esportivos de inclusão social

Crianças e adolescentes de João Pessoa e outras cidades estão aprendendo lições de cidadania através do esporte

**Cardoso Filho**  
josecardosofilho@gmail.com

A Polícia Militar da Paraíba está desenvolvendo o Programa Esporte Solidário que abrange dois importantes projetos – Bola Solidária e Lutando pela Paz. Ambos têm como objetivo promover a cidadania, o combate ao uso de drogas, como também estimular o esporte e resgatar a auto estima de crianças e adolescentes, evitando que eles entrem no mundo da criminalidade, no mundo das drogas. Em João Pessoa, acontece na comunidade São

Domingos, no bairro do Altiplano Cabo Branco.

No projeto Lutando Pela Paz, o que chama a atenção é a presença de uma criança autista e uma adolescente de 16 anos que tem paralisia cerebral. Maria Vitória chega para a aula cerca de dez minutos antes do início, acompanhada da mãe, Maria Lúcia, e fica ansiosa para iniciar seu treinamento com o cabo Chaves. O garoto Gustavo, de seis anos, começou sua participação no projeto muito tímido, sem dar uma só palavra. A própria mãe dele, Maria do Socorro Felipe, também par-

ticipa do treinamento junto com o filho.

Além da capital, o Programa Esporte Solitário é desenvolvido pela Polícia Militar na Companhia de Mangauape; em Bayeux, no Bairro Mário Andreazza; nos 2º e 4º batalhões, respectivamente em Campina Grande e Guarabira, e o objetivo do comando geral da PM paraibana é expandir para outras regiões.

Segundo o capitão Valcemi Araújo, os projetos têm como objetivo proporcionar o incentivo à prática de atividades desportivas, e, ao mes-

mo tempo, estimular valores relacionados à importância do aprendizado intelectual, cultural, saúde e segurança.

“São atividades que vão fazer com que essas crianças e adolescente que recebem as informações possam, no futuro, se tornar multiplicadores de uma cultura de paz. Nós estamos trabalhando diariamente para que um dia a gente possa realmente perceber o resultado dessas atividades junto à nossa juventude, que recebe o incentivo do coronel Euller Chaves”, acrescenta.

O Projeto Bola Solitária

tem o objetivo de promover a inclusão social e a prevenção contra a violência, por meio do esporte, e realizar a integração com a comunidade. As inscrições dos interessados, por serem menores de idade, são realizadas pelos pais ou responsáveis nas unidades militares do bairro. Existe um pré-requisito importante, o participante tem que estar regularizado na escola e as atividades são realizadas em horários opostos ao das aulas. “Isso impede que haja conflito de horário”, lembra o capitão.

Os projetos Bola Solidá-

ria e Lutando Pela Paz são divulgados pelos próprios integrantes da corporação e também através do site da Polícia Militar, além da própria imprensa e redes sociais.

O capitão Valcemi lembra que o objetivo do comando geral é expandir o projeto para outras comunidades, tanto da capital como de outros municípios, pois entende que assim se permite abrir caminho para a cidadania através da segurança pública e com isso, viabilizando a interação com outros segmentos da sociedade.

## Professores e pais se sentem gratificados

O coordenador adjunto do projeto da Polícia Militar da Paraíba enfatiza que a importância desses projetos para a PM é porque termina entrando com uma contribuição significativa, no sentido de poder orientar as crianças e adolescentes com relação à questão da vida.

“Quando trabalhamos nessa parte, estamos simplesmente reforçando valores importantes para a PM que está de parabéns, na pessoa do comandante geral, porque as atividades desenvolvidas tem o cunho preventivo, pois talvez não se perceba, porque não é algo quantitativo, é qualidade e esse resultado a gente vai ver amanhã”.

Ele salienta que várias vezes se deparou, com crianças que hoje já são jovens casados, na universidade, trabalhando. “Quando a gente se encontra, tem aquela alegria e a satisfação de ouvir: o senhor foi meu professor. Eles fazem a referência da atividade que participaram, então isso é muito gratificante para a gente”.

Ele ressaltou também a importância da participação dos pais e mães nesses projetos e programas e lembra que eles vão ganhando dimensão dentro do Estado.

“A nossa intenção é estender esse trabalho por todo o Estado e a participação dos pais vem sendo fundamental para os resultados alcançados até o momento”, disse.

Por causa da pandemia do Coronavírus, todos os projetos estão suspensos no momento.

## Projetos atendem também alunos especiais

No Bairro do Altiplano, em João Pessoa, a Polícia Militar utiliza uma quadra poliesportiva onde desenvolve o projeto Lutando Pela Paz. A partir das terças-feiras, o cabo Ismael Chaves, faixa preta em judô, tem a incumbência de ministrar aulas para crianças da comunidade São Domingos. São crianças humildes que vão acompanhadas dos pais.

Pelo menos duas delas chamam a atenção. Uma delas é Gustavo, de seis anos, autista. A mãe dele, Maria do Socorro Felipe, disse que antes de participar do projeto – está há dois anos e meio – o filho não falava e se isolava em casa. “Hoje vejo meu filho falando, brincando com as demais crianças e rindo”, comemora.

Já Maria Vitória tem paralisia cerebral. Com 16 anos, ela ficava fora da quadra, ao lado da mãe, Maria Lúcia, olhando as crianças praticando o esporte. O cabo Chaves resolveu chamá-la, e a princípio houve resistência, “mas hoje é uma das mais entusiasmadas”, disse o instrutor de judô.

Maria Lúcia disse que a filha gosta de participar e considera muito bom para o desenvolvimento das crianças, sobretudo para aquelas com algum tipo de deficiência. “O tratamento é igualitário”, disse.

O sargento do Exército Brasileiro, Wallace José de Araújo, tem um filho de sete anos participando do programa. Ele disse que esse trabalho desenvolvido pela PM é muito impor-

tante, pois trás para a criança uma segurança, melhora o desempenho escolar, e até o comportamento em casa.

Edileide Ferreira da Silva é mãe de Franciele Xavier da Silva. “É um projeto muito legal, porque muitas crianças não tem condições de comprar o equipamento que é fornecido pela tenente Rileide”. Ela também é aluna do projeto, como outros pais e mães.

A primeiro tenente Rileide Couto é a comandante da UPE do Altiplano Cabo Branco. Ela disse que se sente realizada trabalhando com as crianças. A oficial, que começou na Polícia Militar como soldado, está no projeto desde 2016. Ela disse que é muito importante o apoio da sociedade,

através de parcerias, dentre elas a dos cadetes, que quando concluem o CFO, doam seus quimonos para os alunos.

“Com os participantes, são realizadas uma parte lúdica, passeios e viagem para competições. Eles sempre se saem bem, pois possuem várias medalhas, com acompanhamento dos pais”, disse a tenente.

Segundo ela, a coordenação sempre acompanha os alunos através do histórico escolar e o comportamento em casa. A cada seis meses, é realizada a mudança de faixa, e a última aconteceu em dezembro do ano passado. O projeto no Altiplano Cabo Branco funciona numa quadra de esportes na rua José Rufino, em frente à UPS do bairro.

Foto: Ortilo Antonio



O cabo Ismael Chaves está conseguindo ótimos resultados com crianças portadoras de deficiência



# Cidadania e ecologia: da sala de aula para a vida

## Escola estadual adota aulas de coleta seletiva e compostagem e transforma alunos em multiplicadores da ideia

**Thiago Felix**  
Especial para A União

A Escola Estadual Francisca Ascensão Cunha, localizada no bairro dos Bancários, em João Pessoa, foi escolhida para a implementação de aulas de coleta seletiva e compostagem. A ação é uma parceria entre a Aroeira Consultoria Ambiental e o Instituto ECCUS, juntamente com a Associação Vegetariana Brasileira, visando um engajamento maior dos alunos com as questões de preservação ambiental.

A escola, que tem histórico de engajamento em projetos sociais, agora conta também com aulas de conscientização ambiental através do Projeto FAC (Francisca Ascensão Cunha). O projeto teve início no mês de dezembro de 2019 através da iniciativa dos engenheiros ambientais Igor Quaresma, João Nascente, Ícaro Albuquerque e Fábio Batista, juntamente com o professor Thiago Calábria. A ideia era promover um dia da semana sem consumo de carne, onde seria consumido somente o produzido na escola através das aulas de horta.

Com a entrada da Aroeira Consultoria Ambiental e o Instituto ECCUS, foi proposto também introduzir a coleta seletiva e a compostagem, pois, são ações que estão interligadas e são igualmente importantes. Segundo Igor Quaresma, engenheiro ambiental da Aroeira Consultoria Ambiental, através da compostagem é possível gerar o adubo orgânico e também alguns fertilizantes que agregam como aditivo para a horta. "Além da compostagem, a coleta seletiva também é parte importante desse processo, separando resíduos secos como papel, plástico, metal e vidro, e resíduos orgânicos aumentando a qualidade da compostagem", afirma.

Para Igor, "o ensino, tendo como base a compostagem,



Fotos: Divulgação

Estudantes têm aulas práticas sobre compostagem e coleta seletiva e cultivam hortaliças que são consumidas na escola

adubagem e coleta seletiva, é fundamental, pois estimula um pensamento crítico sobre os resíduos que os alunos geram, reduzindo a cultura do desperdício através do contato com o ciclo". Como exemplo, a cozinha da escola, que utilizará o que iria para o lixo como compostagem; da compostagem é gerado o adubo; o adubo fertiliza a horta; e da horta volta como alimento.

Nas aulas de horta orgâ-

nica são plantadas várias hortaliças, como alface crespa, alface mimosa, coentro, cebola, tomates e salsinha. Segundo Thiago Calábria, professor de História e um dos idealizadores do projeto, houve uma preparação inicial com alunos e funcionários através de oficinas de segregação de resíduos, além da preparação do solo para o plantio por parte dos professores, e confecção do material a ser utilizado nas

aulas, como os coletores de resíduos, que foram reaproveitados de embalagens plásticas.

"Nós já demos início ao processo de compostagem, que pode durar em média de dois a três meses. Os alunos já usam os recipientes de segregação, e sob vista pedagógica, apesar do projeto ter começado há pouco tempo, os alunos já apresentam uma preocupação quanto ao consumo e forma de descarte de resíduos", disse Thiago.



Projeto tem atraído alunos, que já demonstram preocupação quanto ao consumo e ao descarte correto do lixo

## + Benefícios para todos

Para Lailson Gomes, estudante do 3º ano do ensino médio, as aulas são importantes, interativas e práticas, além de estimular o trabalho em equipe. "A iniciativa é ótima, traz inúmeros benefícios não só para as turmas, mas também para toda a escola, garantindo mantimentos para a escola, poucos, mas que ajudam no dia a dia. Antes das aulas, os resíduos eram jogados em qualquer canto, e agora cada resíduo é jogado em seu lugar corretamente" explica.

Os materiais recicláveis serão encaminhados para a cooperativa de catadores Acordo Verde, localizada no bairro de Mangabeira IV, e os orgânicos serão implementados ao sistema interno de compostagem. O projeto tem como objetivo reduzir em 100% os resíduos destinados ao aterro sanitário de João Pessoa, salvo os previstos na política nacional de resíduos sólidos como papel higiênico, guardanapo, luvas e tocas. Além disso, o projeto vai formando os alunos como agentes multiplicadores do projeto e incentivando a levar a prática para suas casas e comunidades.

No momento, somente a Escola Estadual Francisca Ascensão conta com o projeto, mas segundo Igor Quaresma, há o desejo de expandir para outras escolas. "Nosso projeto, atualmente, não tem verba nenhuma, não tem recursos. Tudo que a gente faz é do nosso bolso. Mas estamos estudando, através da Secretaria de Educação, a ampliação para outras escolas", completa.

## Essas coisas

Carlos Aranha  
c.aranha@yahoo.com

# Entre veias abertas da América Latina

"Eu, senhor, me chamo Gabriel García Márquez" (foto). "Sinto muito: eu também não gosto desse nome, porque é uma série de lugares comuns que nunca consegui identificar comigo. Sou escritor por timidez. Minha verdadeira vocação é a de prestidigitador, mas me ofusco tanto tentando fazer um truque que tive que me esconder na literatura. As duas atividades, em todo caso, conduzem à única coisa que me interessou desde pequeno: que meus amigos me achassem o máximo".

Com toda essa simplicidade, o colombiano Gabo - morto na Cidade do México em abril de 2014 - fazia sua autoapresentação na época do lançamento de "Cem anos de solidão", o livro que definitivamente o levaria ao Prêmio Nobel, há 26 anos. Para datar bem essas coisas, "Cem anos de solidão" foi escrito entre 1965 e 1967, na casa no México em que ele voltou a ocupar em 1997 por chorar pela Colômbia. Por não poder ficar no país natal, segundo suas próprias palavras, agora "incômodo, inseguro e intranquilo para escrever".

Entre os livros menos badalados de García Márquez, gosto muito de "Relato de um naufrago". Por isso, a seguir a transcrição de trechos de seu capítulo final, para lembrar

que Gabo existiu como então não havia muitos fazendo literatura de qualidade entre as veias abertas da América Latina.

.....

"Nunca pensei que um homem se transformasse em herói por ficar dez dias numa balsa, suportando fome e sede. Eu não podia fazer outra coisa. Se a balsa fosse abastecida com água, biscoito, bússola e instrumentos de pesca, certamente estaria tão vivo como hoje. Mas com uma diferença: não teria sido tratado como herói. De maneira que o heroísmo, no meu caso, consiste em não ter me deixado morrer de fome e sede durante dez dias.

"Não fiz nenhum esforço para ser herói. Tudo que fiz foi para me salvar. Mas como a salvação veio envolta numa áureola, premiada com o título de herói como um bombardeio, não tive outro recurso senão suportar a salvação, como havia chegado, com heroísmo e tudo.

"As pessoas me perguntam como é que



um herói se sente. Nunca sei o que responder. De minha parte, sinto o mesmo que antes. Não mudei nem por dentro nem por fora. A ferida do joelho cicatrizou. Sou outra vez Luis Alexandre Velasco. E isso me basta.

"Mudaram as pessoas. Meus amigos são agora mais amigos que antes. E eu imagino que meus inimigos são mais inimigos, ainda que não acredite tê-los. Quando alguém me reconhece na rua, fica me olhando como a um animal estranho. Por isso ando mais à paisana, até que as pessoas se esqueçam de que estive dez dias sem comer nem beber em uma balsa.

"A primeira sensação que se tem quando se começa a ser importante é a de que, durante todo o dia e toda a noite, em qualquer circunstância, as pessoas gostam que a gente lhes fale de si mesmo.

"(...) Minha vida de herói não tem nada de especial. Levanto às dez da manhã. Vou a um café conversar com os amigos, ou alguma das agências de publicidade que estão fazendo anúncios baseados na minha aventura. Conte minha história na televisão e num programa de rádio. Algumas pessoas me dizem que essa história é uma invenção fantástica. Eu lhes pergunto: Então, o que eu fiz durante dez dias no mar?"

.....

Morto aos 87 anos, García Márquez deixou um legado que foi capaz de levar leitores junto com ele e fazê-los acreditar em qualquer coisa - ou naquilo que o chamado realismo mágico pode criar.

O trabalho do autor baseou-se tanto em sua vivência como jornalista na América Latina, a admiração por William Faulkner e Mark Twain, quanto histórias vividas durante sua infância na casa de seus avós em Aracataca, na Colômbia.

Antes de sua morte, já fazia mais de dez anos que o escritor não publicava nada. García Márquez disse que a escrita o desgastou e que queria mais tempo para aproveitar a vida de outra forma. Assim o fez.



# “Recifes artificiais” atingem áreas com espécies em risco

Apesar das restrições, ICMBio não se opôs ao projeto do ministro do Meio Ambiente de criar área para pesca esportiva

André Borges  
Agência Estado

Brasília - Os locais previstos pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, para instalar recifes artificiais e liberar a pesca esportiva atingem áreas onde vivem 110 espécies ameaçadas de extinção, aponta documento do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). As informações foram obtidas pelo jornal O Estado de S. Paulo por meio da Lei de Acesso à Informação.

Apesar da restrição, o coronel Homero de Gorge Cerqueira, presidente do instituto, disse, em ofício ao ministério, que “não se opõe” ao plano.

Para viabilizar o projeto de lançar sucatas de barcos e maquinário militar no fundo do oceano, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) questionou o ICMBio sobre quais seriam os impactos da ideia. A reportagem obteve a resposta que o ministério recebeu, na semana passada, elaborada pela Coordenação de Ações para Conservação de Espécies do ICMBio.

No documento, o órgão alertou que os pontos previstos na proposta pelo ministério estão em três unidades de conservação federais: o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE), a Área de Proteção Ambiental de Fernando de Noronha e a Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais, que engloba Maragogi (AL) e São Miguel dos Milagres (AL). Nenhuma delas possui hoje regras ambientais para receber recifes artificiais ou pesca esportiva.

No documento, o ICMBio alerta que, nessas unidades, vivem 110 espécies ameaçadas de extinção. A lista é composta por aves marinhas (23 espécies), tartarugas (5), peixes (61), mamíferos (3) e invertebrados (18). O peixe-boi marinho e o boto-cinza são espécies de mamíferos que estão sob risco.



Foto: Pixabay

Plano do governo federal é criar recifes artificiais para prática da pesca esportiva em áreas protegidas

## + Peixes, tartarugas e cavalos-marinhos na lista de ameaçados

O instituto menciona espécies como o mero, peixe que chega a medir mais de 2 metros e a pesar mais de 400 quilos. Cavalos-marinhos, tartarugas e o marlim-azul, um ícone dos oceanos, que chega a pesar mais de 700 quilos, também apareceram na lista.

Em sua análise técnica, o instituto alertou: “Tendo em vista que quatro unidades de conservação federal podem ser afetadas pela proposta apresentada, é relevante que seja avaliada a compatibilidade [da ideia] com os objetivos da unidade de conservação e seu plano de manejo”.

O ICMBio criticou ainda a intenção do governo de lançar sucatas do Exército no fundo mar, como um lança-míssil e dez canhões antiaéreos. O instituto afirmou ainda que, conforme já é sabido pelo MMA, “existe baixo

interesse dos mergulhadores em visitar este tipo de estrutura que não tem correlação com o ambiente marinho”.

O Ministério do Meio Ambiente foi procurado, mas não se manifestou.

A comunicação do coronel Homero dando aval à proposta

dos recifes artificiais foi oficializada ao ministério horas depois de o Estado revelar as restrições que foram previstas no laudo técnico do ICMBio.

No documento, o presidente do instituto chega a repetir parte das informações sobre riscos do projeto para espécies em extin-

ção, mas faz um adendo: “Não nos opomos à iniciativa de recifes artificiais”. Procurado, o ICMBio não se manifestou sobre o ofício ontem.

Durante sua viagem aos Estados Unidos, o presidente Jair Bolsonaro gravou vídeo ao lado do presidente do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), Gilson Machado, e do secretário da Pesca, Jorge Seif Júnior, afirmando que os “eco-chatos” não vão atrapalhar o plano do governo.

A proposta de criar recifes artificiais e liberar a pesca esportiva em áreas protegidas tem sido tocada pelo governo Bolsonaro sem qualquer tipo de consulta ou intermediação com os Estados. A Marinha já analisou, sob o ponto de vista de risco à navegação, a lista de 128 pontos para instalação de recifes artificiais.



Foto: Fotos Públicas

Mais de cem espécies ameaçadas de extinção, como as tartarugas, vivem nas áreas visadas

## Toca do Leão

Fábio Mozart

# Aquele abraço!

É necessário reafirmar a ética e o amor. Inadvertidamente ou não, o médico Dráuzio Varella abraçou uma pessoa encarcerada, autora de crimes hediondos. A matilha sentiu necessidade desvairada de trucidar o médico com seus dentes impostores. Apologistas do ódio, tendência em alta.

No outro dia, compadre meu transitando com sua bicicleta Monark Barra Circular, desviou do ônibus Geisel Circular e foi esbarrar no carro da madame. Quebrou um pedal, furou o pneu do carro e sofreu ligeiras escoriações, como se diz nos boletins policiais. A motorista, aflita, desceu para prestar socorro. “Desculpe, senhor! A culpa foi minha. Eu com a cabeça quente, acabo de brigar com meu marido, não vi sua bicicleta”. Ofereceu-se para levar o padecente ao hospital, disponibilizou algum numerário para despesas médicas e pediu para rezar o joelho do meu compadre. O velho e chato ciclista esqueceu o padecimento e, conforme testemunhas, permitiu que a

madame entoasse uma estranha oração oriental. “Não era da galera do Alá, porque a moça não orou voltada para Meca”, observou o compadre, que é desses tipos conhecedores de todas as ciências humanas, incluindo as preces.

Ao fim, a moça pediu para dar um abraço na vítima. O mau humor do padecente desapareceu no abraço energizado da madame. “Rapaz, eu senti um vigor moral, foi o melhor abraço que alguém me deu!”, revelou o ciclista macróbio e malcriado. Ele foi embora, olhando para trás e mancando, contemplando com um devoto olhar aquela senhora tão simpática e diferente. Seu escudo de ceticismo na humanidade do gênero humano derretendo ao sol da compaixão. Recusou o dinheiro. “Seu abraço foi minha indenização”, confessou, ao ser interrogado pelos outros compadres.

Qual a diferença entre abraçar um criminoso e apertar ao peito outro ser humano carente, prostrado e tensionado? Esquerda e direita são lugares relativos

da política. Nesse caso, diante do rancor e hostilidade dos antiabraços, os favoráveis aos amplexos gerais e irrestritos são de esquerda. Por isso se diz “amigos que ficam do lado esquerdo do peito”.

\*\*\*\*\*

### Editorial da revista FOLHETO

Tenho 65 anos e aos sessenta fundei a Academia de Cordel do Vale do Paraíba, em Itabaiana. Antes, havia fundado três jornais, três rádios comunitárias, um time e uma liga de futebol, uma associação de bairro, duas entidades culturais e dois grupos de teatro em três cidades: Itabaiana, João Pessoa e Mari. Sou um cabra fundador. Faltou competência e criatividade para construir mais, além de money. Também incorri em muitos erros e desregramentos. Faz parte.

Mas, enfim, eu quero dizer que a Academia de Cordel do Vale do Paraíba chegou aos cinco anos nesta nação de alta mortalidade cultural. Sinal de que está vingando,

apesar desse instante anacrônico. Cinco anos e já estamos em crise de meia-idade. Mas, isso fica para discutir em outra ocasião. Agora, lembrar apenas a parceria com os poetas Sander Lee e Thiago Alves na construção da academia, e agradecer aos quarenta confrades e confeitores por manter viva esta ideia, não obstante o cenário da cultura no país hoje, onde os ditos gestores costumam pensar que artista é uma planta que se deve tratar com cuidado para que não dê frutos.

Florescemos e esta revista é um fruto maturado e ousado, num país cada vez mais ágrafo. Nesta edição inaugural, fomos à Rússia entrevistar o poeta repentista intelectual Astier Basílio. De quebra, trazemos Lau Siqueira, um gaúcho paraibano entendedor de poesia e outras invenções do pensamento. Por fim, reconhecer a dedicação e entusiasmo de Stelo Queiroga, Manoel Belisario, Marconi Araújo, Thiago Alves, Bento Júnior e Raniery Abrantes. Sobreviveremos, apesar do “momento acidente”.



# Primeira infância: cuidados precisam ser redobrados

Até os seis anos de vida, o cérebro se desenvolve e as crianças adquirem hábitos e traumas que levarão para a vida

**Jalila Arabi**  
Agência do Rádio

O que fazer nos primeiros mil dias de vida da criança? Avanços na neurociência mostram que, nessa fase, que vai da gestação aos primeiros dois anos do bebê, novas conexões neuronais se formam na velocidade ideal. É quando as crianças aprendem, pensam e lidam com as diversas situações que as envolvem.

A partir daí, elas precisam continuar sendo estimuladas e acolhidas para que consigam chegar ao fim da chamada primeira infância (aos seis anos) capacitadas para enfrentar o mundo. "Tudo se decide antes dos seis anos de idade. Se quisermos que a criança tenha uma boa nutrição, um bom desempenho na escola, um futuro melhor, inclusive em termos de renda, a gente tem que investir nos primeiros anos de vida", alerta a pediatra e especialista em Saúde do Unicef para o Semiárido, Tati Andrade.

"É nesse período que o cérebro se desenvolve. As crianças adquirem hábitos e até traumas que terão repercussão para a vida inteira", continua a pediatra. E cuidar da saúde, por exemplo, é uma das formas que garantem que meninos e meninas tenham mais chances de sobrevivência. E tudo isso acontece ali, nos primeiros cuidados. Teste do pezinho, alimentação saudável e cartão de vacinação atualizado são apenas alguns desses cuidados.

Mas os números mostram outra realidade. Tati Andrade sinaliza um crescimento, nos últimos anos, em casos de doenças consideradas já erradicadas, como o sarampo, que atinge principalmente crianças menores de cinco anos de idade – e pode até matar.

Segundo dados do Ministério da Saúde, o último caso registrado da doença havia sido em 2015. Anos depois, com o surgimento de diversos fatores – entre eles, o de movimentos contra vacinas e de fake news –, houve surto do vírus em diversas unidades da federação. Em 2018, foram mais de dez mil casos em 11 estados.

No ano passado, foram confirmados pela pasta 18.203 casos da doença. Até setembro de 2019, quatro pessoas já tinham morrido por conta do vírus – sendo um adulto e três crianças, nenhum deles imunizado pelas vacinas.

"Dentro da história no Brasil, conseguimos reduzir a mortalidade infantil. Se formos analisar o porquê, com certeza um dos carros-chefes é a diminuição de doenças que se previnem pela vacinação", relata a chefe nacional de Saúde do Unicef, Cristina Albuquerque.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), entre dois e três milhões de pessoas são salvas todo ano pela imunização por meio de vacinas. A falta dessa imunização foi apontada pelo órgão como uma das dez causas que mais acarretou vítimas no ano passado.

"O sarampo voltou porque o Brasil não cumpriu o dever de casa. Historicamente, temos uma boa cobertura vacinal, mas o país relaxou há alguns anos e foi onde se abriu uma janela para a reintrodução de doenças anteriormente eliminadas no território nacional", lamenta Cristina.

Ela conta que diversos órgãos e especialistas, entre eles o Ministério da Saúde, tentam identificar as causas do crescimento do número de famílias que não vacinam as crianças. "A gente sabe que não é um fator só. As fake news e o movimento antivacinas podem ter contribuído? Podem, mas a gente não sabe ainda em que proporção. Estamos em fase de estudos", diz.

**Teste do pezinho, alimentação saudável e cartão de vacinação atualizado são alguns dos cuidados nos primeiros anos de vida da criança**



Foto: Anderson Rodrigues/Unicef

Investir nos primeiros anos de vida, com boa nutrição, vacinação em dia, significa garantir mais chances da criança ter um bom desempenho na vida

## + Sarampo e sífilis congênita preocupam

Assim como o sarampo, outra doença que vem crescendo entre as crianças é a sífilis congênita, transmitida da mãe para a criança durante a gestação. Em 2018, segundo o último Boletim Epidemiológico da Saúde, foram registrados 26,2 mil casos no Brasil – sendo 241 mortes pela doença. No Nordeste, os casos atingiram 7.877 crianças (77 morreram nesse período). No Norte, foram 2.213 casos, sendo 27 crianças mortas.

O principal meio de contágio da doença pela mãe é pelo sexo desprotegido com alguém infectado. "É possível fazer o teste rápido da sífilis e tratar essa infecção para que o bebê não nasça com a doença", lembra Tati Andrade.

As recomendações do ministério são de testes no primeiro e terceiro trimestre de gestação e no momento do parto ou em casos de aborto. A sífilis congênita pode se manifestar logo após o nascimento, durante ou após os primeiros dois anos de vida da criança. Entre as complicações da infecção, estão aborto espontâneo, parto prematuro, má-formação do feto, surdez, cegueira, deficiência mental e morte ao nascer.

"Esse cuidado é uma decisão, uma atitude do principal cuidador ou cuidadora responsável pela criança, é do pai e da mãe", afirma Cristina Albuquerque.

Nas últimas décadas, como comentado por Cristina, o Brasil havia reduzido significativamente o índice

de mortalidade infantil (até um ano) e na infância (até cinco anos). Mas em 2016, o País voltou a apresentar taxas elevadas de mortes.

Outros fatores, como obesidade infantil, pobreza, raça e etnia, também têm feito esses números subirem. No Brasil, meninos e meninas indígenas, por exemplo, têm 2,5 vezes mais risco de morrer antes de completar um ano do que outras crianças brasileiras.

"É incrível a fragilidade e a vulnerabilidade das comunidades indígenas, tanto nas terras deles quanto nos grandes centros urbanos, para onde eles se movimentam", constata a especialista em Proteção à Criança do Unicef para a Amazônia, Débora Madeira.

## Informações aos povos mais distantes

A Semana do Bebê é uma forma de levar para o Semiárido e a Amazônia Legal a discussão de temas como mortalidade infantil,

aleitamento materno, gravidez na adolescência, formação de vínculo e estimulação do bebê,

cinas, atividades lúdicas e culturais.

"Queremos que os municípios usem os recursos disponíveis para realizar essas atividades. Precisamos dessa integração: saúde, educação e assistência social. Para atender a primeira infância, precisamos dessa intersectorialidade", lembra a pediatra Tati Andrade.

Ela orienta que essa semana tenha duração de pelo menos cinco dias dentro dos municípios, sendo uma atividade por dia. Uma dessas, ela destaca, é uma reunião com os pais. "A gente precisa envolver os homens nos cuidados com as crianças pequenas."

Cristina acrescenta que a participação do homem em todas as etapas, desde o pré-natal até os cuidados pós-parto, é fundamental.

"Essa carga de responsabilidade com a criança sempre foi atribuída à mulher. Esse conceito cultural foi criado porque, antes, a mulher não trabalhava fora e cuidava da casa e da família.

Mas hoje é fundamental que a carga seja dividida com o parceiro. É absolutamente necessário que haja esse conceito de parentalidade."

### Valorização

A pediatra Tati Andrade lamenta que a valorização da primeira infância, considerado por ela como de extrema importância, ainda não seja parte de políticas públicas efetivas nos municípios. Ela admite que a maioria ainda tem poucos recursos para a demanda, mas ela acredita ser possível. "O que a gente defende é que a população se envolva. O poder público tem um papel importante, mas é essencial chamar as lideranças, as igrejas de todas as religiões, os jovens", acredita.

A Semana do Bebê é apenas uma das estratégias do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) para assegurar a atenção adequada a meninos e meninas de até seis anos de idade. A ação faz parte da meta para a valorização da primeira infância para que municípios do Semiárido e da Amazônia Legal consigam alcançar o Selo Unicef.

Cumprindo as diversas metas propostas, a prefeitura participante recebe, após três anos, um selo que comprova e reconhece o esforço da comunidade envolvida em colocar crianças e adolescentes como uma prioridade.

A Semana do Bebê foi realizada pela primeira vez em 2000, no Rio Grande do Sul. De lá para cá, a iniciativa se tornou uma das metas estratégicas – e obrigatórias – de participação dentro do Selo UNICEF para melhorar a condição de vida de crianças e adolescentes no Semiárido e na Amazônia Legal. Entre 2013 e 2016, período da edição passada do Selo, 761 municípios realizaram a Semana do Bebê – desses, 639 incluíram o evento no calendário oficial das prefeituras.

Além da valorização da primeira infância, as gestões precisam cumprir mais quatro metas obrigatórias para alcançar o Selo, que são viabilizar a volta às aulas; debater direitos sexuais e reprodutivos de jovens; a proteção contra a violência, em especial a redução dos homicídios, e a participação e mobilização de adolescentes.



Crianças indígenas estão mais vulneráveis

meio da organização de ofi-





# Monteiro terá Centro de Referência do Artesanato

Comercialização de peças em renda renascença de artesãs da região do Cariri será um dos pontos de destaque

**Teresa Duarte**  
Teresaduarte2@hotmail.com

O município de Monteiro, berço do cantor Flávio José e lugar onde residia a rainha do pífanô, Zabe da Loca, vai ganhar um grande impulso no turismo. Em breve, o município que fica distante 319 quilômetros de João Pessoa, na região do Cariri, contará com o Centro de Referência do Artesanato do Cariri, tendo como forte a comercialização da produção da Renda Renascença das rendeiras dos municípios de São Sebastião do Umbuzeiro, Zabelê, Monteiro, Camalaú e São João do Tigre, servindo também de ponto de vendas para os demais artesanatos existentes na região.

De acordo com a prefeita do município, Anna Lorena, o local para implantação do Centro de Referência já foi definido e o projeto para estruturação já se encontra em andamento. "O Centro de Comercialização é a menina dos olhos da Prefeitura Municipal. Este é um projeto que já foi pensado desde 2017, e nós, juntamente com o Sebrae-PB e as rendeiras, pensamos em criar um Centro de Referência do Artesanato inicialmente, monteirense, e, graças ao olhar sensível da primeira-dama e também do governador João Azevêdo, que está bastante empolgado com o projeto, abraçando a causa de fato".

E foi com a intenção de aprimorar e aumentar as peças da Renda Renascença, para a coleção "Somos Todos Paraíba", que o estilista Ronaldo Fraga esteve no município neste mês de março para realizar a segunda oficina com as rendeiras. As peças feitas com a renda renascença e assinadas pelo estilista estarão nas passarelas da primeira edição do São Paulo Fashion Week deste ano - SPFW N49, maior evento de moda do Brasil e o mais importante da América Latina que norteia a indústria nacional em relação às tendências da moda e beleza, que será realizada entre os dias 24 e 28 de abril próximo.

As peças feitas com a renda renascença e assinadas por Ronaldo Fraga estarão nas passarelas da primeira edição do São Paulo Fashion Week

## + "Encontro das Águas" é outra grande atração

Conforme o estilista, na coleção do São Paulo Fashion Week o desfile contará com 23 peças, sendo a maior do evento que contará ao todo com 40 peças. Não somente na área do artesanato o município vem mostrando a sua potencialidade. Além da

hoje, a festa já é considerada a segunda melhor do Estado, perdendo apenas para Campina Grande. Um novo ponto turístico também já está em andamento.

Trata-se do "Encontro das Águas", trazendo o gancho da transposição do Rio

rodoviária bem estruturada para atender o fluxo intenso já que o município é o centro do cariri ocidental. Hoje o forte da economia é a agricultura e a agropecuária que vem recebendo forte impulso através do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase).

Segundo a prefeita o programa tem um olhar totalmente diferenciado para o investimento na zona rural, no agricultor, no pequeno produtor, incentivando e dando condições a eles trabalhar, não somente na subsistência e sim de viver da sua produção e acesso a sua própria água.

O Procase é resultado da parceria entre o Governo do Estado da Paraíba e o Fundo Interna-

cional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), Organismo das Nações Unidas (ONU), beneficiando 56 municípios do semiárido paraibano.

"O Procase começou a ser inserido com o estreitamento da parceria com o governo do estado, nós chamamos o governo para perto e, não somente através do Procase como também com a Quinta Gerência de Saúde, Quinta Gerência da Educação, ou seja, todos os órgãos para que nós possamos se envolver e resolver as demandas da população.

Na ação social nós fazemos hoje, dentro da educação, a identificação de famílias em situação de vulnerabilidade nutricional, é hoje nós fazemos a entrega de 500 cestas básicas mensais com essas famílias", revela a prefeita.



Fotos: Marcos Russo

Estilista Ronaldo Fraga esteve no município neste mês de março para realizar a segunda oficina com as rendeiras

## Ações têm incentivo do Procase da Capribom

Foi através do Procase que a Cooperativa dos Produtores Rurais de Monteiro - Capribom teve um impulso na sua produção. De acordo com o presidente da cooperativa, Fabrício de Souza Ferreira, que conta atualmente com 570 sócios cooperados e uma produção diária de produção do leite bovino de 6 mil litros e o leite caprino 4 mil litros. Na parte caprina a Capribom atua na fabricação do leite pasteurizado, três tipos de queijo

(defumado, banhado ao vinho e o pré-cozido), enquanto que na parte bovina a produção é feita com o leite pasteurizado, queijos (manteiga e coalho pré-cozido), manteiga (creme e em garrafa), doce de leite e na linha do iogurte em diversos sabores.

A cooperativa gera hoje 40 empregos diretos e cerca de 500 empregos indiretos. Os produtos são comercializados em diversos municípios do Estado, redes de supermercados

do Cariri e Alto Sertão, além do Exército Brasileiro, toda a rede de escolas do Estado em João Pessoa, como também a Maternidade Frei Damiano, que integra a rede hospitalar do Estado, sendo ela a primeira unidade de saúde a firmar parceria e receber os produtos da Agricultura Familiar. Mas a grande economia de energia, através do Procase no projeto de energia solar que a cooperativa pôde adquirir novos equipamentos e fazer diversas modificações

em sua estrutura. "Foi graças a esse projeto da energia solar fotovoltaica que hoje a nossa energia está sendo 80% fornecida através da luz do sol e o excedente da produção da energia solar, nós estamos repassando para outros pontos nossos. Anteriormente nós tínhamos uma conta de energia na Capribom no valor mensal de R\$ 10 mil e hoje esse valor passou para uma média de R\$ 1.500,00 até R\$ 2.000,00, essa economia foi logo aplicada na

compra de um caminhão refrigerado com maior capacidade de armazenamento para transportar a nossa mercadoria. Para a mobilizadora social do Procase no Cariri Ocidental, Joseane Bezerra, "o Governo do Estado investiu R\$ 325.000,00 na compra de placas solares para Capribom e essa ação é muito importante porque ela está englobando toda a região, a partir do momento que compra o leite aos produtores locais", destacou.



A cooperativa gera hoje 40 empregos diretos e cerca de 500 empregos indiretos. Os produtos são comercializados em diversos municípios do Estado, redes de supermercados do Cariri e Alto Sertão



A preservação do patrimônio histórico da cidade de Monteiro também é um ponto relevante diz a prefeita Ana Lorena (foto ao lado)







## Estudos divergem sobre a origem da Pedra de retumba

No século 19, quem deu o alarme escrito sobre as pictografias de Cantagalo foi Irineu Jofilly

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvea@bol.com.br

O pictógrafo alemão Franz Hamdelmann estaria correto ao alegar que as inscrições rupestres de Pedra Lavrada, no município homônimo do Curimataú paraibano, "seriam obra de uma raça indígena desaparecida ou emigrada para muito longe do Brasil"? Ele baseou-se nesta suposição para escrever o livro "História do Brasil", publicado no final do século 19 e que provocou, na época, comentários prós e contras dos maiores arqueólogos da Europa e América do Norte.

José Ozildo dos Santos, em "As Inscrições Rupestres de Pedra Lavrada", diz que "a existência de sítios arqueológicos na Paraíba é conhecida desde 1618, quando o judeu-português Ambrósio Fernandes Brandão - Brandônio -, as descreveu, minuciosamente, em "Diálogos das Grandezas do Brazil". E quem informou a Brandônio sobre os hieróglifos do rio Araçoa-gipe (Araçagi atual) foi um relatório escrito por Feliciano Coelho, Capitão-Mor da Paraíba, poucos anos antes de Brandônio lançar seu livro. De 1589 para cá, o mistério dessas itacoatiaras continua. Diz-se que o painel pictográfico de Brandônio teria sido descoberto, também, perto de Serra da Raiz, no Brejo paraibano.

No apagar das luzes do Século 19, quem deu o primeiro alarme escrito sobre as pictografias de Cantagalo foi Irineu Jofilly que, em "Notas Sobre a Paraíba" abriu um espaço para tratar do assunto, comentando: "Julgamos que esses letreiros mereçam a mais séria atenção dos estudiosos, já que se espalham por toda a Paraíba". Jofilly se emocionou com o desenho da pedra levantado pelo engenheiro de minas Francisco Soares Retumba, no final do século 19, ao visitar a povoação de Pedra Lavrada, à procura de minérios industriais.

Retumba, ao copiar essas inscrições, desenhou o painel do Sítio Cantagalo com tinta indelével. E advertiu para a importância do achado e de outros que se espalhavam pelos sertões paraibanos. Por muitos anos, a Pedra de Retumba, situada em Pedra Lavrada, a 291 Km de João Pessoa, muitas vezes foi confundida com as itacoatiaras de Ingá. Jacques Ramondot, ao comentar a descoberta de Retumba, lamentou que "apesar de sua importância histórico-científica, o monumento jaz submerso nas águas de um açude".

Foi Irineu Jofilly que, em "Notas Sobre a Paraíba", abriu um espaço para tratar do assunto, comentando: "Julgamos que esses letreiros mereçam a mais séria atenção dos estudiosos, já que se espalham por toda a Paraíba"



Foto: Divulgação

Sítio arqueológico do município de Pedra Lavrada foi registrado em desenho pelo engenheiro de minas Francisco Soares Retumba

### + Mistério das inscrições de Pouso Alto

A arqueóloga Ruth Trindade de Almeida afirmou que as pinturas rupestres, ou pictografias paraibanas, como as brasileiras em geral, foram feitas pelos antigos habitantes da região, indígenas, que obrigatoriamente não precisavam ser os mesmos encontrados aqui pelos portugueses, na época do descobrimento. A origem fenícia das inscrições de Pedra Lavrada se deve às teorias de Ladislau Neto, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em 1872, ele admitiu ter achado inscrições rupestres com características fenícias, num local chamado Pouso Alto, às margens do Rio Paraíba. Este local não foi achado nem no Rio Paraíba do Norte, nem no homônimo do Sul.

O arqueólogo Juvandi Santos, do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, diz que a Pedra de Retumba representa itacoatiaras da arte rupestre encontrada em diversas partes do país. E que teriam sido feitas por povos pré-históricos que habitaram o Curimataú paraibano, entre os anos quatro mil e seis mil antes de Cristo. "As teses fenícias e egípcias são mitos das deduções de Ladislau Neto e do austríaco Ludwig Schennhagen", observou. Equipe liderada por Juvandi garante ter descoberto a Pedra de Retumba recentemente, em Pedra Lavrada.

O sábio austríaco Ludwig Schennhagen esteve em Pedra Lavrada (PB) no ano



Foto: Reprodução

Ladislau de Souza era botânico e diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro

de 1926 e reforçou a origem fenícia das insculturas paraibanas, publicando o resultado de suas pesquisas em diversos jornais. Ele afirmou "serem os fenícios os descobridores da América" e adiantou: "Este povo de navegadores saiu de Cartago no ano de 1.100 antes de Cristo, passou por Cabo Verde e daí para Dacar, por onde atravessaram o Atlântico para fundarem no Brasil". De Dacar, na África, para a Costa paraibana, o percurso de navegação, hoje, é de cinco a sete dias.

O austríaco ainda informou que a expedição Fenícia ao Brasil foi organizada pelo faraó Neco, do Egito, dela tomando parte engenheiros deste país. Schennhagen admirou-se com as semelhanças entre os símbolos rupestres do Brasil e o alfabeto fenício. Ruth de Almeida contraria esta

tese, dizendo que "até aqui, os achados arqueológicos não revelaram vestígios da passagem de fenícios no Brasil. Ela complementou que, em datas mais anteriores à que seria da passagem dos fenícios por aqui, muitas civilizações antigas já haviam habitado as terras brasileiras e outras do continente americano."

Byron Logman, em "Descobridores Esquecidos do Novo Mundo", admite que "as inscrições colhidas por Ladislau na Pedra da Gávea (RJ), e as de Pouso Alto (talvez na Paraíba), realmente se constituíam em caracteres fenícios". Cyrus H. Gordon, estudioso americano de línguas púnicas, endossou a opinião de Byron e disse que "Ladislau Neto estava certo. Cyrus traduziu a inscrição rupestre da Pedra da Gávea (RJ) como "Thiro, Phenicia, Badezir, Primgênito de Jetbahal", uma mensagem fenícia.

Ledeny Priscila de Lima Dias, na tese de conclusão de curso apresentada em 2012, ao curso de Graduação de História da UEPB, defende o resgate da Pedra de Retumba que, segundo ela, hoje está submersa sob as águas do riacho Cantagalo, em Pedra Lavrada. "Escavar, resgatar, fazer surgir uma história encoberta pela ação da natureza e a falta de ação do homem é a nossa proposta de estudo para trazer à tona, através de levantamentos historiográficos, o monumento arqueológico Pedra de Retumba", afirmou.



# Ascendino Leite carregava a “poesia do Sertão”



**Jose Nunes**  
 jnunes48@hotmail.com

Andar vagaroso, amparado por uma bengala, a voz inaudível, mas com lucidez para expressar o pensamento, Ascendino Leite nos recebeu em sua casa numa tarde de verão. Durante nossa conversa, da qual tomou parte Antônio David, que fez o registro fotográfico, ele vai até as distantes lembranças da infância, passando pelo longo período no Rio de Janeiro e São Paulo até chegar à Paraíba, onde viveu os últimos anos de sua vida, numa residência próxima do mar de Cabo Branco.

Jornalista, poeta, memorialista e romancista, Ascendino Leite dedicou sua vida ao ofício de escritor, que começou cedo. Publicou vinte volumes do “Jornal Literário”, que consiste em pequenos relatos acerca da vida política, social e literária, além de poesia e romances.

Ascendino foi seduzido pelo jornalismo ainda adolescente, depois que saiu de Conceição de Piancó, tendo passado um período em Cajazeiras e Bananeiras até residir na cidade de João Pessoa, ainda vivendo a efervescência de atritos políticos dos anos de 1930 ainda muito vivos na memória das pessoas.

Finalmente, depois de muitas andanças e atividades no meio cultural e das redações pelo Sul do país, nos anos de 1990 voltou à Paraíba para definitivamente residir e viver seus últimos anos de vida. Com a idade avançada, mas nem por isso deixou de produzir livros recheados de textos intimistas e relatos do dia a dia da vida cultural do País e da cidade.

Sua vida sempre foi uma constante produção literária. Atividade que se repetia desde a década de 1930, quando escrevia pequenos textos para contar histórias e poesia. No decorrer de quase oitenta anos a sua prosa motivou estudos acadêmicos, depoimentos de estudiosos da literatura e recebeu o reconhecimento da crítica especializada, muito em voga no centro sul do país, em meados do século 20 em diante.

Dono de uma prosa inigualável, ampla no adentrar na alma, revelando as dores do mundo para os iniciados na leitura e candidatos a escritor, seus livros ajudam a desvendar os mistérios da arte de escrever.

A cada livro publicado, repetia a mesma técnica, quase inimitável, porque de um estilo refinado sobressaindo-se pela objetividade no uso das palavras, com frases sem circunlóquios.

Num olhar ao conjunto de sua obra, percebe-se um escritor de pensamento amplo e revelador daquilo que sentia, “senhor da arte literária, minucioso e largo”, como ressaltou Antônio Carlos Villaça.

## + Carregava poesia

Ascendino Leite nasceu no município de Conceição do Piancó, no dia 21 de junho de 1915, num tempo árido e castigado pela seca que se registrou naquela época. Faleceu no dia 13 de junho de 2010, em João Pessoa.

Carregava consigo a poesia do sertão, suas dores e anseios. A poesia estava da paisagem sertaneja incubada nele, alimentando sua alma. A poeira das estradas e as imagens dos riachos secos andavam juntas na sua memória. A beleza da terra que apesar de esturricada, exalava perfume quando chegava o veranico de janeiro, nunca se apartou dele. Telúrico, jamais esqueceu seu sertão, sua gente e sua terra. Talvez alimentado por essas imagens e sons da terra recolhidos durante a infância, escreveu uma prosa rica em musicalidade.

Foi o escritor e poeta que executou uma prosa e uma poesia refletivas, pois suas emoções e suas ideias estão recheadas de racionalidade.

Como o pai Manoel Cândido Leite fosse agente fiscal, estava sempre mudando de cidade, levando consigo a família, por isso muitas imagens de diferentes lugares do período de sua infância estão presentes em sua obra. Mesmo em face dessas andanças, cedo teve acesso às livros, jornais e revistas que tinha em casa.

Presenciou a passagem da Coluna Prestes pelo Vale do Piancó, e no ano de 1930 sentiu o resultado do ódio que se estabeleceu na Paraíba, sendo a família perseguida porque seu pai ficou ao lado de João Suassuna. Por conta dos entrevos que aconteciam na cidade, tendo se envolvido numa briga de adolescentes, Ascendino feriu um desafeto com quicê de fama. Foi detido, mas logo libertado, passou uns dias numa fazenda de familiares e, finalmente, foi acolhido por um parente seu que era professor do Patronato Escola Agrícola em Bananeiras, de onde pouco tempo depois decidiu morar na capital do Estado.

No ano de 1932, aos 17 anos, começou no jornal O Norte pelas mãos de Eudes Barros, a quem pediu para ser repórter, e dez anos depois foi para o Rio de Janeiro, onde fixaria residência por muitos anos, ocupando ali diferentes funções na imprensa.

Em A União, implantou mudanças gráficas que ajudaram na melhoria visual, facilitando a sua leitura, abriu mais espaços para a crônica e as artes



Fotos: Antônio Davi

## Um estreia inusitada na imprensa

Seu início no jornalismo se deu assim: chegando a cidade de João Pessoa, procurou uma oportunidade de trabalho no jornal O Norte. Enviado para fazer matéria na rua, contou que escreveu um texto sobre o engraxate que ficava na calçada dos Correios. Eudes Barros gostou do material, e o aceitou como repórter.

No Liceu Paraibano, onde estudava, conheceu o professor Samuel Duarte, que ensina Francês, tornou-se seu amigo e este o levou para trabalhar como repórter de A União, fazendo a cobertura do dia a dia do Palácio do Governo, que à época o governador era Gratuliano de Brito. Foi quando se aproximou de José Américo de Almeida, quase que por acaso. José Américo havia pedido ao governador alguém para que fizesse a leitura de jornais diários, e como todo o dia estava no Palácio da Redenção, Ascendino foi convidado para essa tarefa. Tornando-se amigo do autor de A Bagaceira, a este apresentando algumas de suas primeiras produções literárias e deste recebendo o estímulo.

Não tardou fazer sua estreia na Literatura. Primeiro foram os artigos, crônicas e depois publicando livro em prosa e verso, intitulado “De Coração para o Coração”. Daí em diante manteve regularidade de suas publicações, ora um romance, um livro de poesia, sobretudo seu Jornal Literário, espécie de diário no qual aborda suas impressões em torno da arte e do relacionamento com amigos.

Em 1936, publica “Estética do Modernismo”, com boa repercussão no meio literário. Outros livros vieram se juntar à coleção que publicou.

Indo morar no Rio de Janeiro até que, ali ficou até quando Osvaldo Trigueiro assumiu o governo da Paraíba, em 1947, e a seu convite retornou para assumir a direção do Jornal A União. Neste jornal, implantou mudanças gráficas que ajudaram na melhoria visual, facilitando a sua leitura, abriu mais espaços para a crônica e dando as obras de arte e espaço merecido.

Reproduzia textos de cronistas reconhecidos que atuavam nos grandes jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, facilitando, assim, o contato com escritores como Guilherme Figueiredo, Ledo Ivo, Perminio Astora e Rubens Braga que estava no topo da grande crônica brasileira.

Retornando ao Rio, mais uma vez recorreu aos jornais para trabalhar, assumindo a direção de redação dos jornais A Manhã, Tribunal da Imprensa, Folhas de São Paulo, Diário Carioca e Diário de Notícias.

A partir de 1950 começa a publicar seus romances, destacando-se A Viúva Branca, com boa repercussão junto à crítica. Depois vieram O Salto Mortal, A Prisão e O Brasileiro. Na poesia, que havia iniciado a escrever e publicar ainda na adolescência, também se destacou com uma produção intimista.

Sócio fundador da Associação Paraibana de Imprensa (API) e membro da Academia Paraibana de Letras, Ascendino publicou mais de 50

livros, entre romances, poesias, ensaios e o extenso “Jornal Literário”, no qual faz referências aos movimentos culturais do país, contendo anotações pessoais por mais de seis décadas.

Este trabalho continuou de escrever, sobretudo o diário, que faz dele um destacado escritor do Brasil e da língua portuguesa, mesmo que esteja um tanto esquecido.

Homem de letras, sempre atento aos acontecimentos e movimentos literários, reclamava da falta de autores que tivessem uma visão para a história e as questões sociais e políticas do País, que desse uma nova dimensão à literatura brasileira. “Carecemos de autores com projeção filosófica como produto de criação autônoma. Há repetidores no mesmo caminho, que deixam bastante fragilizado o que vem a público”, comentou quando comemorou 93 anos de idade. Sobre o acordo para unificação da gramática celebrado em 1998 entre os governos do Brasil e Portugal e outros países de língua portuguesa, achava desnecessário, pois achava que deveria deixar que se escrevesse como o povo fala.

Podemos classificar Ascendino como escritor onde os lapsos na linguagem ficam distantes do olhar do leitor exigente. Seu pensamento pode ser colocado nos binômios – saber-fazer, saber-viver e conhecer- atuar. Nos últimos anos de vida, manteve o hábito diário de escrever. Faleceu vítima de insuficiência respiratória. Deixou um legado de obras literárias de inavaliável valor.

Podemos classificar Ascendino como escritor onde os lapsos na linguagem ficam distantes do olhar do leitor exigente. Seu pensamento pode ser colocado nos binômios – saber-fazer, saber-viver e conhecer- atuar. Nos últimos anos de vida, manteve o hábito diário de escrever. Faleceu vítima de insuficiência respiratória. Deixou um legado de obras literárias de inavaliável valor.



## Apasionado pelas letras e odiado por muitos

Escritor apaixonado pelos livros, ele tinha prazer da leitura que adquiriu muito cedo. Jornalista que conquistou espaços na imprensa do Sul do país, mas devido às posições políticas assumidas em face de seu rancor ao comunismo foi odiado por muitos. Não se conformava por ser taxado de “censor” das artes, pois dizia que apenas dava opiniões acerca de livros e espetáculos conforme sua visão de observador.

Também traduziu obras literárias, a exemplo de Uma Vida, de Guy de Maupassant, “Arménia” de Stendhal e “Carta a Uma Amiga Veneziana”, de Rainer Maria Rilke.

Jorge Amado assim descreveu o comportamento dele: “Polêmico, discursivo, brigão, Ascendino passou a vida comprando barulhos e desafios, mas nas horas decisivas comportou-se sempre de forma correta e generosa”.

Suas obras principais são: “Na Ciência das Fatos” – Jornal Literário (2007); Estética do Modernismo (1936); Notas Provincianas (1942); A Viúva Branca (1953); O Salto Mortal (1958); A Prisão (1958); O Brasileiro (1962); Passado indefinido (1963); Os Dias Duvidosos (1963); O Lucro de Deus, Durações (1963); A Velha Chama (1965); As Coisas Feitas (1968); Visões do Cano Branco (1969); O Vigia da Tarde (1970); Um ano no outono (1972); Os Dias Esquecidos (1974); O Jogo das Ilusões, os diários As coisas feitas (1980); Os dias Memoráveis (1982); O Velho do Leblon (1988); Poesia – Sonho de Uma Noite de Verão (1993); Poesia reunida (1999); Poemas do fim comum (2000), entre outras. Uma seleção do “jornal” com vinte volumes.

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## O papel social da imprensa e a liberação do paywall em tempos de coronavírus

Nas últimas semanas, importantes veículos de comunicação do Brasil adotaram a estratégia de liberar para não assinantes o conteúdo produzido sobre a pandemia de coronavírus. Folha de São Paulo, Estadão e O Globo, por exemplo, seguiram tendência já adotada pelo norte-americano The New York Times, o português Público e o argentino Clarín.

Tal medida coloca em foco a relação entre o papel social da imprensa e a mercantilização da notícia. Em síntese: alguns veículos perceberam que, nesse momento, monetizar é menos importante do que prestar um serviço à população. O entendimento é que o conteúdo pago deve ser aberto em situações de crise ou extremo risco à população. No Brasil, além dos já citados, Nexo Jornal e Joca (jornal voltado ao público infantil), entre outros, também liberaram o acesso ao seu conteúdo sobre a pandemia.

Esse tipo de iniciativa surgiu de forma pioneira em 2011, quando o The New York Times colocou à disposição do público, inclusive para não assinantes, todo o conteúdo sobre as áreas de risco do furacão Irene. Foi a primeira vez que o veículo adotou essa medida, desde a ativação do sistema de paywall (que restringe o acesso de usuários que não assinam o jornal). Em 2012, o The New York Times também liberou site e aplicativos do veículo até que a emergência climática provocada pelo furacão Sandy terminasse. Na mesma época, o Wall Street Journal também desativou o sistema de paywall.

No Brasil, devido ao coronavírus, a Folha de S. Paulo decidiu liberar o acesso de não assinantes a reportagens com informações relevantes sobre a Covid-19 (como a doença é chamada) a partir de 12 de março. A Folha adotou o



paywall em 2012 e é pioneira no uso desse sistema no Brasil.

O Grupo Estado também adotou uma série de atitudes e mudanças, devido aos desafios provocados pelo rápido avanço do coronavírus. Liberou conteúdo específico sobre o Covid-19; criou um núcleo especializado de cobertura com cerca de 30 profissionais de São Paulo, Brasília e Rio, sem contar com os correspondentes pelo País; e lançou uma newsletter especial, diária, abordando todos os acontecimentos que o público precisa saber sobre a crise.

Por sua vez, o Globo também anunciou uma série de medidas. Para ampliar a corrente de informações e atualizações confiáveis sobre técnicas de prevenção e de tratamento,

o veículo abriu no site o acesso a matérias com serviço sobre o coronavírus. A edição impressa sofreu mudanças em sua configuração para privilegiar o noticiário sobre a doença, e uma editoria especial foi criada com as principais notícias sobre o tema, além de serviços, artigos e reportagens especiais. O jornal ainda lançou um guia em PDF com informações sobre sintomas, contágios e prevenção contra a doença.

As iniciativas dos jornais brasileiros me remetem às funções da comunicação na sociedade e que valem ser retomadas nesse contexto de Covid-19. Entre algumas tarefas (funções) básicas da mídia, o teórico britânico Denis McQuail (1935-2017) apontou: fornecer informações sobre eventos e condições na sociedade e no mundo; explicar, interpretar e comentar o sentido dos acontecimentos e informações; reduzir a tensão social. Muitos veículos brasileiros estão seguindo esse caminho, colaborando com a disseminação de conteúdo de qualidade (o que também ajuda a desconstruir notícias falsas e visa a reduzir o pânico entre a população), mas só o tempo dirá se a cobertura sobre o coronavírus teve mais erros ou acertos. Optar pela abertura do conteúdo pago, tendo certeza, foi uma medida precisa!

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

## Roberto Luna ou Valdemar Farias?

Há um provérbio nordestino que diz: tanto faz como tanto fez. Pois é, chamar o grande cantor paraibano, natural da região brejeira de Serraria, de Valdemar Farias ou Roberto Luna dá no mesmo. Valdemar Farias é aquele menino de família remediada que saiu do Sítio Canadá, no interior da Paraíba, para Campina Grande, aos 18 anos. Este sítio pertencia a seu tio, Sales Farias, pai do jornalista Wellington Farias, o Fodinha, atuante nas televisões, rádios e jornais de João Pessoa.

Ele nasceu Valdemar, em 01 de dezembro de 1929. Hoje está com 90 anos, e seu nome é Roberto Luna. Por que? Ora, se tornou um cantor conhecido em todo o Brasil, após 1945, quando resolveu embarcar do Recife para o Rio num navio comboiado, que transportava soldados para a pelega da Segunda Guerra Mundial. No mesmo barco, por coincidência, ia o maestro Severino Araújo, da Rádio Tabajara, naquela época já ouvida em boa parte do mundo, por causa de seus dez quilohates na antena.

Fodinha, que é primo legítimo de Roberto Luna, nos confidenciou que seu parente famoso tinha um cargo que muitos invejam, nos dias de hoje: era guarda alambique – provedor de cachaça – no engenho da família.

Antes, Roberto já havia trabalhado com o ator Ziembinsky e foi apresentado por Assis Valente a Chianca de Garcia, para ser contratado como cantor.

Depois deste fortuito encontro, gravou seu primeiro disco “Por Quanto Tempo” e “Linda”, com o selo da Star. Em 1953 Sérgio Vasconcelos contratou-o para a Rádio Clube e ele passou a aparecer nos programas Caderno de Melodias, Ciranda dos Bairros e Audições. Acabou lançando, para o carnaval do mesmo ano, o samba Jurema e a marcha Deixa-me em Paz, pela Copacabana. Simultaneamente, o conjunto musical Copacabana, pertencente ao selo homônimo, acompanhou-na gravação de Minha Casa é Meu Chapéu e de Pode Voltar.

Cantor de sucesso nacional na década de 1950, fazia delirar as fãs com os seus músicas de boleros e aquelas de rodeira ou dor de cotovelo, como Molambo, Relógio, Nunca, Vingança, Castigo, História de Amor e Quando que me Queiras, desta vez endossado por compositores de renome, como Lupicinio Rodrigues, Dolores Duran, Alfredo La Pete,

Lourival Faissal e outros. A RGL lhe proporcionou o LP Adíós Pampa Mio e outros tangos famosos, como Confissão e similares.

Falvoente, ficou na simpatia do cineasta Rogério Scanzerta e participou, como ator e cantor, do filme brasileiro O Bandido da Luz Vermelha, em 1968. Passou a apresentar-se, exclusivamente em buates, a partir de 1970. Foi dono de uma delas, nas noites cariocas. Abriu uma excessão em 1972, ao gravar, pela Chantecler, o LP Roberto Luna, destacando-se Gaivota e Negro Vêú, dos consagrados compositores Zé Bastos e João Reis. A RGE lançou seu este em 1990, com todo seu repertório, em 10 volumes.

Há 10 anos, quando este colunista tinha um solicitado programa de rádio, em João Pessoa, Roberto Luna apareceu por aqui. Estava fora do círculo artístico e eu insisti para que gravasse um CD intitulado Uma Homenagem a Anísio Silva. Gravação concluída, Roberto passou a vender esta sua obra por preço acima do normal no mercado fonográfico, em shows especiais. O sucesso foi efêmero, mas logramos êxito em convencer o grande Roberto Luna a gravar repertório de Anísio Silva, outro cantor de sucesso.

Como se a vida lhe fornecesse dicas de premonições, Luna, antes de ser cantor, trabalhou numa fábrica de rádios. A fábrica era de um português, que namorava uma ex-atriz de teatro de revista. Ela se chamava Esperança de Barros. Nos finais de semana Luna entregava rádios de 12 válvulas aos compradores que moravam nos morros. Outra vez, uma premonição: Em Nova Iguaçu trabalhava num serviço de alto-falantes, cujo dono era um francês chamado Eugênio Beuvalet. Para quem se tornaria um grande cantor radiofônico...

Só houve uma profecia envolvendo Luna, que cumpriu-se ao contrário. Em Campina Grande ele conheceu Catulo de Paula, mais tarde um grande compositor. Luna canta serenatas com ele, mas reclamava de sua desafinação. Catulo dava o trôco: olha, rapaz, sua impertinência é demais. E sabe de uma coisa? Você nunca será cantor? Se fosse viver de profecias, Catulo de Paula morreria de fome. Ele não imaginou que, em 1959, Luna gravaria, com Edith Piaf e Marguerite Monnot, a versão brasileira de Hino ao Amor, elaborada por Odair Marsano.

Fala-se que uma das canções mais consagradas em sua interpretação, foi o bolero “Que Murmurem”. Imagine: predestinado a viver entre astros luminosos, seu primeiro contrato profissional foi assinado por Dias Gomes. E gravou canções de Vinícius de Moraes. Seu Pai, Sales Farias, ficou amigo de Severino Nogueira, o primeiro aviador paraibano, natural de Juazeirinho, que saiu da Paraíba para a Califórnia (EUA), a bordo de um aviãozinho Pipper. Sales começou a voar com Nogueira, sem se importar em arriscar a vida. Sales até tirou Brevet

Como se a vida lhe fornecesse dicas de premonições, Luna, antes de ser cantor, trabalhou numa fábrica de rádios. A fábrica era de um português, que namorava uma ex-atriz de teatro de revista. Ela se chamava Esperança de Barros. Nos finais de semana Luna entregava rádios de 12 válvulas aos compradores que moravam nos morros. Outra vez, uma premonição: Em Nova Iguaçu trabalhava num serviço de alto-falantes, cujo dono era um francês chamado Eugênio Beuvalet. Para quem se tornaria um grande cantor radiofônico...

Só houve uma profecia envolvendo Luna, que cumpriu-se ao contrário. Em Campina Grande ele conheceu Catulo de Paula, mais tarde um grande compositor. Luna canta serenatas com ele, mas reclamava de sua desafinação. Catulo dava o trôco: olha, rapaz, sua impertinência é demais. E sabe de uma coisa? Você nunca será cantor? Se fosse viver de profecias, Catulo de Paula morreria de fome. Ele não imaginou que, em 1959, Luna gravaria, com Edith Piaf e Marguerite Monnot, a versão brasileira de Hino ao Amor, elaborada por Odair Marsano.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoullysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Tim Mossholder



# Corona causa destruição de comércio alimentar

**C**om a chegada do Covid-19 no Brasil muitos estão pensando em como se manter em pé com essa crise inesperada no comércio geral, mas em nosso assunto em especial no ramo de alimentação.

É uma realidade que já percebo em nosso Estado. Pelos próximos 120 dias muitos vão ter que se reinventar e refazer seus projetos para sobreviver a esse tsunami inesperado.

Ando vendo uma preocupação de pessoas que têm negócios na área com relação ao coronavírus e toda essa situação que estamos enfrentando atualmente. Isso vai afastar pessoas dos seus estabelecimentos.

Isso é fato. Pessoas saindo o mínimo possível de casa, a desinformação, as primeiras pessoas infectadas e mortas. Isso gera um medo tanto no empresário, microempreendedor, quanto no cliente. São muitas informações sem respostas do que vai acontecer.

Se você está tenso essa situação é apenas mais um no meio do oceano no mundo dos alimentos. Vou dar algumas dicas:

Se seu negócio vai continuar funcionando tente reduzir custos para não fechar vermelho no final do mês. Fazer um esforço de usar menos água, energia elétrica, fazer compras a fornecedores evitará saídas desnecessárias.

Faça ofertas promocionais com vale-compras, que as pessoas possam usar quando puder. Assim elas podem usá-los quando a situação se normalizar e você consegue fazer dinheiro entrar neste momento, mesmo sem vender seu produto.

Procure formas de seu produto estar nas plataformas de venda e não afundar neste momento, principalmente se você não faz, como iFood, instagram, site, delivery e outras formas viáveis de negócios. Esses são fatores de negócios para você permanecer imune a essa doença.

Essas são algumas dicas, mas você terá que colocar em prática agora. Também tem uma coisa muito importante que você precisa saber:

Não subestime seu capital de giro. Para quem empreende é muito importante sempre ter uma reserva de emergência, tanto na conta pessoal, como na conta empresarial. Até porque não sabemos quando uma crise vai surgir e o dinheiro para de entrar, afinal organização financeira pode poupar algumas dores de cabeça.

Um mês difícil sem controle financeiro pode quebrar literalmente um negócio que você lutou anos para mantê-lo de pé.

Você leitor deixo dicas:

Peça comidas com a marca de sua terra, valorize o que é nosso, compre de sua maneira, seja telefonando ou pelo iFood... mas não deixe de valorizar a prata da nossa casa. Grandes marcas de franquias sobrevivem. Ajudem empresas que realmente precisam para existirem.

Não esqueça do pequeno da lanchonete, ajude os independentes e mantenha a nossa economia girando, sem necessário que o barco afunde. Somos todos Paraíba.

## QUENTINHAS

- A praça de alimentação do Mercado da Torre é um local que vale muito a pena conhecer, tem uma variedade de comidas que agrada a todos. Mas o sucesso é o PF que você mesmo prepara com direito a três tipos de carnes feitas na brasa. Além de ser uma delícia, o valor é um sucesso geral custa R\$ 12 e você sai muito satisfeito.

- Com esse período de pouca saída de casa, por conta do coronavírus vale a pena conferir as promoções dos serviços de entregas de alimentos. Vão surgir muitos e com uma variação grande de preços.

- Uma opção para quem não quer sair de casa é a Feijoada e Fava Sabor de Casa. Você escolhe o kit de acordo com o número de pessoas que tem em casa e que vão se deliciar. Eles deixam na sua casa, com um preço bem legal. O Instagram deles é @feijoadaefavasabordecasa

- Esse colunista viu pizzaria fazendo promoção de pizza grande, borda recheada, um refrigerante grande e entrega grátis por R\$ 30. Pra você não sair de casa e garantir o jantar. Dá uma conferida nas promoções do dia na @bellapizza.en

- Tá com dificuldade com seu negócio de alimentação e não sabe como vai sair dessa? Entra em contato com esse colunista que faço sua consultoria. Vai na minha rede social @waltinhoullysses ou envia um email chefwalterulysses@hotmail.es que vou em qualquer lugar da Paraíba fazer sua consultoria a um preço especial.

## PITADAS A GOSTO

Bife à milanesa, ou simplesmente "milanesa", é um panado originário da culinária da Itália, que se tornou popular na maioria dos países da América Latina, feito com bifes tradicionalmente de vitela temperados e fritos em óleo quente após serem empanados com ovos batidos e farinha de rosca.

A denominação usada na Itália e também noutros países (incluindo a França, a Alemanha e a Rússia) é "cotoletta alla milanese" e originalmente era feita com o próprio osso da costeleta e frita em manteiga, em vez de óleo ou azeite.



Foto: Arquivo pessoal

## PRATO DO DIA

**À milanesa empanada com flocão de milho**

### Ingredientes

- 1 bife de 400g bovino de coxão mole
- 2 ovos
- 200g de flocão de milho
- 1 caixa de extrato de tomate
- 1 tomate picado
- 200g de queijo
- 200g de presunto
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Orégano
- Azeite

### Modo de preparo

Em um recipiente bata os ovos temperando com sal, pimenta do reino e orégano a gosto. Em seguida mele a carne neste ovo que foi batido, e passe no flocão de milho. Unte uma assadeira com um pouco de azeite e leve ao forno e deixe por 10 minutos. Retire do forno, vire o lado e coloque mais por 10 minutos. Depois retire do forno acrescente o restante dos ingredientes para dar uma leve gratinada rápida.